GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO "CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO" PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECM UNEMAT - CAMPUS DE BARRA DO BUGRES/MT

ALLANA CAROLINI DA SILVA

A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AFETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Barra do Bugres/MT
Dezembro de 2024

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO "CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO" PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECM UNEMAT - CAMPUS DE BARRA DO BUGRES/MT

Allana Carolini da Silva

A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AFETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof. Dra. Isabela Augusta A. Souza.

Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Ciências e Matemática.

Barra do Bugres – MT
Dezembro de 2024

"A afetividade é a base de tudo. Sem ela, o conhecimento é vazio, a ciência é desumana e a educação é um processo sem alma."

(Rubem Alves)

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Silva, Allana Carolini da.
A percepção dos professores sobre afetividade e sua relação com a aprendizagem no ensino de ciências e matemática / Allana Carolini da Silva. - Barra do Bugres, 2024.
66f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino de Ciências e Matemática/BBG-PPGECM - Barra do Bugres - Mestrado Academico, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientadora: Dra. Isabela Augusta Andrade Souza.

1. Afetividade. 2. Aprendizagem Afetiva. 3. Ciências e Matemática. 4. Práticas Pedagógicas. I. Souza, Isabela Augusta Andrade, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB CDU 37:5

Governo de Mato Grosso
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

ALLANA CAROLINI DA SILVA

A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AFETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Câmpus* Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
ISABELA AUGUSTA ANDRADE SOUZA
Data: 21/01/2025 15:22:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Isabela Augusta Andrade Souza (PPGECM/UNEMAT)
Orientadora

gov.br Documento assinado digitalmente
FATIMA APARECIDA DA SILVA IOCCA
Data: 03/12/2024 20:47:39-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Fátima Aparecida da Silva Iocca (PPGECM/UNEMAT)
Examinadora Interna

gov.br Documento assinado digitalmente
CRISTIANE DO NASCIMENTO GONCALVES POLT
Data: 05/12/2024 12:41:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Cristiane do Nascimento Gonçalves Poltronieri (UNIFACC-MT)
Examinadora Externa à Instituição

UNEMATDIC2024105143

Assinado com senha por ISABELA AUGUSTA ANDRADE SOUZA - PROFESSOR UNEMAT LC 534/2014 / SNP-FACHLIN - 06/12/2024 às 16:34:48.
Documento Nº: 23052708-1123 - consulta à autenticidade em
https://www.sigadoc.mt.gov.br/sigaex/public/app/autenticar?n=23052708-1123

SIGA

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Em especial, à minha mãe Cleni, por seu amor incondicional, força e por ser minha maior inspiração; ao meu pai Antônio Donizetti, in memoriam*, cuja ausência se faz presente, mas cuja memória me impulsiona. À minha família, por todo o apoio, carinho e por estarem ao meu lado em cada etapa desta jornada. Aos meus amigos, por sua amizade e companheirismo, sempre prontos para celebrar as conquistas e compartilhar os desafios. À minha orientadora, Isabela Augusta Andrade Souza, pelo conhecimento compartilhado e pela confiança em mim depositada. E, por fim, dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam no poder da educação e da ciência como caminho para um mundo mais justo e igualitário.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar expressando minha gratidão à minha mãe, Cleni Salete Vieira, por ser minha fortaleza e guia. Seu amor, dedicação e sacrifícios ao longo de minha vida sempre foram meu maior combustível para superar desafios. Sem você, esta conquista não teria sido possível.

Agradeço também à parte da minha família, em especial às minhas avós, Maria Nena de Jesus Silva e Maria da Silva Vieira, que com suas histórias de vida e ensinamentos me inspiram diariamente; à minha tia, Maria de Lourdes da Silva, pelo carinho e apoio sempre presentes; e aos pequenos Yorran Estêvão de Souza Rodrigues e Bella de Souza, por trazerem leveza e alegria aos meus dias, lembrando-me da beleza do futuro.

Sou imensamente grata à minha orientadora, professora doutora Isabela Augusta Andrade Souza, pela paciência, orientação cuidadosa e incentivo constante durante todo o processo de elaboração desta dissertação. Sua expertise e dedicação foram fundamentais para que eu conseguisse trilhar este caminho com confiança.

À minha madrinha, Katia Silene Venturi, sou eternamente grata pela generosidade, hospitalidade e apoio incondicional. Abrir as portas de sua casa e me oferecer suporte nos momentos em que mais precisei foi um gesto que jamais esquecerei. Aos meus amigos Gabriel Tenório dos Santos, Valdinei Backes da Silva, Lucíola Rodrigues de Sá Amorim, Tais Sena da Rocha, Alice Rodrigues de Sá Amorim, Cinthia Karem Fonseca e Antonimar Silva Freitas, meu profundo agradecimento por palavras de encorajamento e momentos de descontração que tornaram essa jornada mais leve.

Aos professores e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) em Barra do Bugres-MT, agradeço pela oportunidade de fazer parte de um ambiente acadêmico tão enriquecedor, onde pude desenvolver meu conhecimento e crescer como profissional e como pessoa.

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, manifesto meu reconhecimento pela excelência na formação ofertada, que foi determinante para a conclusão de mais uma etapa marcante na minha trajetória acadêmica.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agradeço pela confiança depositada nesta pesquisa e pela oportunidade de inserção no universo científico, um elemento crucial para a motivação e o avanço deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo parte da premissa de que a escola deve oferecer condições adequadas para a aprendizagem, assegurando uma formação cultural e científica abrangente. O objetivo principal foi investigar as percepções dos professores sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, buscando compreender como esse aspecto é percebido e aplicado nas práticas pedagógicas, além de identificar os desafios e as oportunidades para sua integração no currículo. A pesquisa contou com a colaboração de sete professores de Matemática e Ciências do município de Comodoro/MT, utilizando questionários on-line via *Google Forms*. As perguntas abertas permitiram respostas detalhadas, e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT. Os resultados destacaram que práticas pedagógicas que incorporam a afetividade são fundamentais para superar desafios de aprendizagem, promovendo um ambiente que valoriza as diferenças culturais e sociais dos alunos. Além disso, a integração da afetividade contribui para o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento de habilidades matemáticas e científicas. A pesquisa também revelou que a formação continuada de professores, quando inclui o tema da afetividade, pode fortalecer essas práticas, gerando impactos positivos na aprendizagem. Essa abordagem favorece um ambiente inclusivo e emocionalmente seguro, incentivando práticas pedagógicas mais eficazes e equitativas.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem Afetiva; Ciências e Matemática; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT:

This study is based on the premise that schools must provide adequate conditions for learning, ensuring a comprehensive cultural and scientific education. The main objective was to investigate teachers' perceptions of affectivity in the teaching-learning process, aiming to understand how this aspect is perceived and applied in pedagogical practices, as well as identifying challenges and opportunities for its integration into the curriculum. The research involved seven Mathematics and Science teachers from the municipality of Comodoro, Mato Grosso, Brazil, utilizing online questionnaires via Google Forms. Open-ended questions allowed detailed responses, and the study was approved by the UNEMAT Research Ethics Committee. The results highlighted that pedagogical practices incorporating affectivity are crucial for overcoming learning challenges, fostering an environment that values students' cultural and social differences. Moreover, integrating affectivity enhances student engagement and the development of mathematical and scientific skills. The study also revealed that teachers' continuing education, when including the theme of affectivity, can strengthen these practices, generating positive impacts on learning. This approach promotes an inclusive and emotionally safe environment, encouraging more effective and equitable pedagogical practices.

Keywords: Affectivity; Affective Learning; Science and Mathematics; Pedagogical Practices.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Localização do município de Comodoro – MT 38
FLUXOGRAMA 1 41
GRÁFICO 1 44
GRÁFICO 2 45
GRÁFICO 3 45

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Dados do perfil e sigla atribuído a cada um dos participantes 43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ECA- Estatuto da criança e do adolescente

MT - Mato Grosso

PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPGECM/UNEMAT - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso

SEDUC-MT - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

UNIR - Universidade Federal de Rondônia

Sumário

Entre Laços e Descobertas: A Trajetória da Pesquisadora na Afetividade e Educação.....17

1. INTRODUÇÃO 19

2. REVISÃO BIBLIOGRAFICA.....21

2.1 Explorando o Impacto das Relações Emocionais na Aprendizagem No Componente Curricular de Ciências e Matemática 21

2.2 Espaços que Ensinam: A importância do Espaço Escolar 24

2.3 Coração e Cérebro: Como a Afetividade Impulsiona o Sucesso Escolar.....27

2.4 Construindo saberes: A Interseção entre ensino, aprendizagem e relações afetivas33

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....35

a. Lócus da pesquisa e os colaboradores 38

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS 39

a. Perfil dos entrevistados.....42

4.1 Discussão e Analise dos Dados dos Professores Sobre a Afetividade nas Práticas Cotidianas no Ambiente Escolar.....46

4.2 Percepções Sobre Definição de Afetividade.....47

4.3 Aprendizagem e Afetividade no Processo Educativo 49

4.4 Presença de Temas Relacionados à Afetividade na Formação Docente ...51

4.5 Afetividade como Ferramenta Pedagógica e sua Aplicação Prática em Sala de Aula 53

5. REFLEXÕES FINAIS.....55

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....57

Entre Laços e Descobertas: A Trajetória da Pesquisadora na Afetividade e Educação

"Deixa eu me apresentar, que eu acabei de chegar. Depois que me escutar, você vai lembrar meu nome..."
(Anavitória, Rita Lee, 2021)

Ao refletir sobre o processo e o caminho percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, é inevitável compará-lo a um quebra-cabeça, cujas peças foram se encaixando gradualmente.

Os anseios que deram origem a esta investigação remontam à minha primeira graduação, no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Em 2015, durante meu estágio em uma escola pública no município de Rolim de Moura, Rondônia, vivi experiências marcantes que despertaram inquietações sobre o tema e me acompanham há quase uma década.

Para contextualizar melhor, apresento um pouco da minha trajetória.

Minha caminhada acadêmica começou em 30 de setembro de 2013, quando iniciei o curso de Pedagogia no Campus de Rolim de Moura, da UNIR. Sempre gosto de dizer que não foi apenas eu quem passou pela universidade, mas a universidade também passou por mim.

As vivências ali transformaram minha visão de mundo, ajudaram-me a crescer, a evoluir, a construir relações significativas e, acima de tudo, a compreender a educação sob uma nova perspectiva.

Um marco importante dessa trajetória foi a realização dos estágios. Em 2014, decidi participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e, simultaneamente, fazer um estágio remunerado em uma escola localizada na zona rural. Foi nessa experiência que tive o primeiro contato com o que, mais tarde, se tornaria o objeto de estudo desta pesquisa.

Como costumo dizer em conversas com colegas, a pesquisa é uma forma de "acerto de contas" com o passado; ela nasce de um interesse profundo por aquilo que nos marcou, e essas marcas, frequentemente, têm uma dimensão afetiva.

Após concluir minha graduação em Pedagogia, tomei posse em um concurso público da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT), em julho de 2018. Essa mudança de contexto me levou a novos desafios e oportunidades.

Estabelecida em uma nova cidade, decidi ampliar minha formação e iniciei a graduação em Direito pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Essa segunda graduação trouxe experiências completamente diferentes das vividas na primeira e abriu novas reflexões sobre as inquietações que continuam a nortear minha pesquisa.

E aqui estou, iniciando, conduzindo e terminando mais uma etapa importante da minha trajetória profissional e também pessoal, para dar continuidade aos próximos capítulos dessa jornada chamada vida.

1. INTRODUÇÃO

Antes de prosseguirmos, é importante entender o significado da palavra "afeto", que vem do latim affectus, e significa "influência" ou "estado de alma". Na filosofia, como em Espinosa (2007), o afeto refere-se a estados que aumentam ou diminuem nossa capacidade de agir. Na psicologia, é estudado como uma experiência emocional. A epistemologia do afeto investiga como o conhecimento sobre os sentimentos é construído, abordando como as emoções influenciam o pensamento, as decisões e as interações humanas.

A questão da afetividade, presente nas relações humanas, varia muito de acordo com o ambiente educacional, o que impacta diretamente na construção do aprendizado. Segundo Wallon (1986), "a afetividade é o primeiro meio de comunicação entre a criança e o mundo", o que reflete a relevância das emoções na formação das relações humanas desde a infância.

Para Wallon (1986), a afetividade não é apenas uma resposta emocional isolada, mas sim o ponto de partida essencial para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Através das interações afetivas, como o vínculo com pais e cuidadores, a criança começa a explorar o mundo.

Wallon (1986), destaca que o aprendizado não ocorre de forma isolada, mas é profundamente influenciado pelas emoções, que atuam como mediadoras fundamentais no desenvolvimento humano.

O relacionamento afetivo entre professor e aluno, por exemplo, pode aumentar a autoconfiança do estudante, ajudando-o a enfrentar desafios acadêmicos com mais coragem e persistência. Dessa forma, a afetividade contribui para a criação de um espaço em que o aluno se sente à vontade para expressar suas dúvidas, fazer perguntas e buscar novas formas de compreender o conteúdo.

Além disso, o desenvolvimento da aprendizagem está profundamente ligado à capacidade do aluno de se conectar afetivamente com o conhecimento. Wallon (1986), enfatiza que a afetividade é o ponto de partida da cognição; assim, quando o aluno estabelece uma ligação emocional positiva com o que se ensina, o aprendizado se torna mais significativo.

Portanto, é essencial que a escola promova um ambiente de ensino onde o desenvolvimento emocional seja tão valorizado quanto o desenvolvimento intelectual. A afetividade em sala de aula favorece a inclusão, o respeito às diferenças e estimula o desenvolvimento das habilidades dos alunos, tornando a aprendizagem uma experiência mais rica e transformadora.

Partindo desse pressuposto, é possível compreender que a afetividade no contexto escolar é um elemento fundamental para promover um ambiente de ensino mais humanizado e acolhedor. Nesse espaço, os alunos se sentem emocionalmente conectados ao processo de aprendizagem, que vai além da simples memorização de conteúdo, abrangendo a formação de vínculos que despertam interesse e curiosidade.

Quando os professores conseguem estabelecer relações baseadas em respeito, empatia e cuidado, os alunos tendem a desenvolver uma atitude mais positiva e proativa em relação ao aprendizado, o que contribui de maneira significativa para seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

A pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), sob o número de processo 6.705.631, em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

Os critérios de seleção dos participantes foram baseados em professores que lecionam as disciplinas de Ciências e Matemática, considerando que a cidade conta com apenas duas escolas estaduais. Esses docentes dividem suas cargas horárias entre as duas instituições.

Partimos da premissa de que o afeto, o apoio emocional e a empatia são elementos essenciais para criar um ambiente educacional propício ao desenvolvimento dos alunos. Buscamos identificar os desafios enfrentados pelos educadores ao tentar estabelecer um ambiente acolhedor e afetivo em sala de aula, e como essa realidade impacta diretamente o campo da educação.

2. REVISÃO BIBLIOGRAFICA

> A educação vive um tempo de grandes incertezas de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas. (NÓVOA, 2009, p. 27).

2.1 Explorando o Impacto das Relações Emocionais na Aprendizagem No Componente Curricular de Ciências e Matemática

A partir de nossas experiências obtidas no campo da educação, é notável que muitos aspectos se entrelaçaram para promover um ambiente de aprendizagem mais eficaz e enriquecedor. Por outro lado, caso ocorra eventos que impeçam esse entrelaçar positivamente, o contrário geralmente acontece ou seja, na ausência de elementos que ajudam o ensino e a aprendizagem, incluindo aí a questão da afetividade, a probabilidade é que não ocorram bons resultados.

Neste contexto, o presente trabalho assume um lugar geográfico específico para observar o tema de nossa proposta, e que será feita para a educação no estado de Mato Grosso, na cidade de Comodoro, cujo objetivo será o de proporcionar aos professores não só um momento de reflexão, mas também para usar a compreensão da relevância da afetividade em consonância com as práticas didático-metodológicas no processo de ensino e aprendizagem.

Ao criamos um ambiente propício para que o estudante se sinta confortável e confiante ao abordar desafios em ambas as disciplinas. A afetividade, nesse contexto, atua como um pilar essencial, fortalecendo a conexão entre o aprendiz e a matéria, contribuindo para um processo de aprendizagem mais duradouro.

Vygotsky (1993) ressalta que, no contexto da aprendizagem associada à afetividade, a zona de desenvolvimento proximal assume uma relevância ímpar. Esta zona representa aquilo que uma criança é capaz de realizar quando acompanhada por alguém mais experiente. Neste momento, a criança precisa de mediação, um apoio cuidadoso e atento, pois é aqui que ela realmente assimila novos conhecimentos.

A relação entre aluno e professor desempenha um papel crucial no desenvolvimento do processo de aprendizagem, facilitando a superação de obstáculos que possam surgir ao longo do percurso. É crucial ressaltar o papel do

professor como mediador, conforme Vygotsky (1993), conceituado como mediação pedagógica. Esta postura se revela cada vez mais crucial na prática docente, englobando não apenas o diálogo com o estudante, mas também instigando reflexões sobre o conhecimento que está sendo construído.

Dentro dessa perspectiva, tanto o educador quanto o educando devem se valer da mediação pedagógica de forma mútua para alcançar o nível de aprendizagem almejado. A troca de conhecimento pode ser iniciada tanto pelo docente quanto pelo discente. Entretanto, é imperativo que o professor compreenda que mediar não se limite a oferecer respostas prontas, mas sim instigar o estudante a refletir sobre o conhecimento que está sendo adquirido.

A sala de aula é um ambiente onde o impacto das emoções e das relações interpessoais é profundo e multifacetado. No contexto do ensino de ciências e matemática, disciplinas frequentemente percebidas como complexas e abstratas, a afetividade – a capacidade de estabelecer e nutrir conexões emocionais positivas – pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento do aluno.

A afetividade pode impactar significativamente a forma como os alunos enfrentam e superam desafios acadêmicos. Segundo Vygotsky (1984), o ambiente emocional e social do aluno pode influenciar a aprendizagem ao proporcionar um contexto mais favorável ao desenvolvimento cognitivo. A afetividade dos professores, portanto, pode contribuir para a criação de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante, facilitando a compreensão dos conteúdos e a superação de barreiras emocionais e cognitivas.

Como destaca Carvalho (2011), explorar as emoções e o ambiente afetivo influenciam o processo de aprendizagem, e discute que um ambiente de ensino positivo e acolhedor pode reduzir as dificuldades em ciências e matemática, promovendo atitudes mais construtivas em relação à aprendizagem. A autora enfatiza que a afetividade tem um impacto significativo na motivação e no desempenho dos alunos, sugerindo que a criação de um ambiente educacional que apoie emocionalmente os estudantes é crucial para superar desafios e melhorar a eficácia do ensino.

O professor deve expandir constantemente seu próprio conhecimento, a fim de desempenhar um papel mais eficaz como mediador pedagógico que permitirá que as

mediações pedagógicas sejam mais assertivas e tenham maior probabilidade de gerar resultados mais eficazes. O entendimento do estágio de desenvolvimento individual de cada criança também é crucial nesse processo.

Se antes ainda havia dúvidas, hoje já se sabe que o afeto, o apoio emocional e a empatia são elementos fundamentais para criar um ambiente propício à aprendizagem dos alunos.

Os educadores, em muitos casos, enfrentam dificuldades diversas ao tentar estabelecer um ambiente afetuoso e acolhedor para seus alunos, o que torna o cotidiano escolar uma situação complexa. Entre essas dificuldades, destaca-se o desafio de lidar com turmas numerosas, alunos que enfrentam problemas familiares, sociais ou emocionais.

Além disso, a pandemia de COVID-19 exacerbou as dificuldades dos alunos com relação ao ensino e aprendizagem, especialmente em áreas como a ciências e matemática, onde os conceitos podem parecer mais abstratos e desafiadores para os alunos.

Estudos recentes apontam que a interrupção do ensino presencial e a falta de suporte emocional funcionam para um aumento nos desafios de aprendizagem durante uma pandemia. Criar um ambiente escolar emocionalmente acolhedor e seguro é crucial para que os alunos se sintam motivados e apoiados para enfrentar esses desafios**.**

Estudos publicados revelam que as mudanças na rotina escolar durante a pandemia foram percebidas pelo cérebro como fatores de estresse, o que impactou tanto o bem-estar emocional quanto a capacidade de concentração e aprendizagem dos estudantes.

Outro estudo conduzido por Barbosa *et al*. (2021) indica que restrições em crianças com situação de vulnerabilidade social, enfrentam desafios adicionais como a falta de alimentação escolar e o aumento das responsabilidades domésticas, o que agravou os prejuízos acadêmicos.

Além disso, Justino, Coelho e Santos (2020) destacam que as escolas públicas foram fortemente afetadas pela falta de recursos tecnológicos, dificultando a continuidade do ensino remoto. Muitos alunos relatam dificuldade em estudar à distância, aumento da ansiedade e desmotivação, evidenciando a necessidade de

políticas públicas externas para a redução das desigualdades educacionais e sociais. Esses resultados reforçam a importância de desenvolver estratégias que combinem suporte emocional e investimentos tecnológicos para minimizar os impactos causados pela pandemia.

Sobre esta pesquisa, foi realizada com professores de uma escola pública do município de Comodoro/MT, a partir de uma abordagem qualitativa, que buscou explorar a dimensão da afetividade e o processo de ensino-aprendizagem na vida dos educadores. Para isso, optamos por utilizar questionários com perguntas abertas, com temáticas pontuais nas perguntas, objetivando aprofundar o assunto na coleta dos dados junto aos docentes para entender como a afetividade pode influenciar a abordagem pedagógica e o impacto nas dificuldades de aprendizagem em ciências e matemática.

2.2 Espaços que Ensinam: A importância do Espaço Escolar

A escola tem o papel de acolher o estudante e expandir o conhecimento, de modo que todos tenham o direito à formação social e técnico-científica. Essas aprendizagens devem ser construídas de maneira que favoreça o estudante, para que este compreenda melhor a realidade que o cerca, fazendo com que ele tenha participação ativa em relações sociais, possibilitando a leitura e interpretação das informações que a sociedade propaga.

Sustentando essa ideia, Rinaldi (2002, p. 77) afirma que:

> O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...]. É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações.

A escola deve oferecer condições adequadas para a aprendizagem, garantindo que o estudante receba uma formação cultural e científica que o prepare para a vida profissional, pessoal e cidadã. Seu objetivo é construir um indivíduo com autonomia e uma visão crítica do mundo ao seu redor, comprometido com a sociedade e em constante busca por conhecimento.

Dessa forma, o aluno é encorajado a formular e explorar suas dúvidas, desenvolvendo conceitos e percepções. Na concepção de Libâneo (2000, p. 09), a escola tem “o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categorias de compreensão e apropriaçãocrítica da realidade”.

Durante o tempo em que está na sala de aula, a criança tem o direito de cometer erros e acertos, expressar suas dúvidas e apresentar sua visão crítica, sentindo-se confiante para compartilhar seu modo de pensar e agir. Com essa consciência, ela participa ativamente do processo coletivo de construção do conhecimento.

A escola deve basear seu trabalho nas vivências das crianças, transformando o ambiente escolar em um espaço rico em diversas culturas que contribuem para fortalecer os laços sociais. Libâneo (2000) destaca que a escola tem a responsabilidade de promover a construção científica e cultural da sociedade, relacionando teoria e prática para assegurar que o conhecimento alcance o aluno. Isso proporciona a formação de cidadãos críticos e autônomos, com uma rica diversidade cultural, contribuindo para o fortalecimento da sociedade.

Para alcançar esses objetivos, a instituição de educação básica deve adotar métodos pedagógicos apropriados, guiando as crianças no caminho da aprendizagem e ajudando-as a compreender melhor o mundo em que vivem. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2009), no artigo 53, ressalta a importância desse compromisso.

> Art. 53 - A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando sê-lhes:
> I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
> II - direito de ser respeitado por seus educadores;
> III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instânciasescolares superiores;
> IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
> V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Conhecer o contexto escolar é importante para garantir que a instituição mantenha uma estrutura bem organizada e ofereça o suporte necessário às crianças,

que estão aprendendo a compartilhar aspectos de suas vidas. Quando a escola desempenha sua função de maneira eficaz, proporciona um atendimento de alta qualidade, o que resulta em uma aceitação positiva por parte da comunidade.

Para assegurar uma educação de excelência, a escola deve ser de alta qualidade, não apenas preparando os alunos para o mercado de trabalho, mas também os orientandos para uma sociedade mais justa e equitativa.

Dentro da escola, é importante que a sala de aula ofereça os recursos necessários para fomentar o aprendizado, uma vez que esse ambiente é único, reunindo indivíduos com diferentes experiências e conhecimentos. Segundo Vasconcelos (1993, p. 35):

> [...] a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes.

Na escola, diferentes elementos se entrelaçam para abordar as questões cotidianas, formando uma equipe comprometida que deve resolver os desafios pedagógicos que surgem dentro da sala de aula. Nesse contexto, a sala de aula assume um papel central na formação das crianças.

É frequente que, no ambiente escolar, ocorram conflitos entre os alunos. No entanto, é nesse mesmo espaço que questões como preconceito, gênero e diversidade cultural devem ser amplamente debatidas e ensinadas.

A sala de aula, portanto, não é apenas um local de aprendizado acadêmico, mas também um espaço vital para o desenvolvimento social e emocional das crianças.

É ali que elas aprendem a respeitar as diferenças, a valorizar a diversidade e a construir uma convivência harmoniosa e inclusiva. “Dentro da sala de aula, os alunos vivem a experiência das particularidades individuais e das diferenças de grupos e do todo da classe: os indivíduos são diferentes entre si, e muitas vezes de difícil acesso” (SNYDERS, 2001, p. 69).

É evidente que, dentro da sala de aula, há uma diversidade de culturas e etnias. Por esse motivo, a escola tem a responsabilidade de promover a socialização entre as crianças, ensinando aos seus alunos que a sociedade se fundamenta na aceitação

e no respeito às diferenças.

2.3 Coração e Cérebro: Como a Afetividade Impulsiona o Sucesso Escolar

O processo de aprendizagem do aluno está intimamente relacionado com a aquisição do sistema de escrita, leitura e cálculo, o que permite a compreensão da língua e suas regras ortográficas, possibilitando a escrita de forma autônoma. No entanto, algumas crianças enfrentam obstáculos nesse processo, e, apesar de seus esforços, podem não conseguir obter sucesso escolar. Felipe e Benevenutti (2013) afirmam que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a indivíduos cujo desempenho está aquém das expectativas, considerando seu potencial intelectual. Isso ocorre devido a uma particularidade cognitiva na aprendizagem, que resulta em um rendimento inferior ao esperado.

Angelucci *et al*. (2004) explicam que a criança possui uma organização psíquica imatura, o que gera ansiedade, dificuldades de atenção, dependência, agressividade, entre outros aspectos. Esses fatores contribuem para problemas psicomotores e inibição intelectual, prejudicando, assim, a aprendizagem escolar.

Os obstáculos de aprendizagem possuem manifestações bem específicas. Dentre elas podemos destacar a dificuldades na escrita, leitura, soletração e cálculo, não sendo comum essas dificuldades ocorrerem em todas as áreas ao mesmo tempo, e são relacionadas a problemas emocionais, adaptação social ou problemas de comunicação. Segundo Sisto (2006, p. 193):

> Hoje em dia, poder-se-ia definir que dificuldade de aprendizagem engloba um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou desvantagens culturais. Geralmente a dificuldade não ocorre em todas as áreas de uma só vez e pode estar relacionada aproblemas de comunicação, adaptação social e problemas emocionais.

Quando uma criança inicia sua jornada na escola e é introduzida a um universo de conhecimento diverso daquele que ela tinha tido contado no seu contesto familiar. É importante destacar que nesse processo algumas crianças podem enfrentar desafios específicos.

A aprendizagem pode variar muito de uma criança para outra. Alguns podem encontrar obstáculos na formação de letras e palavras de maneira fluente, enquanto outros podem enfrentar desafios na interpretação de textos. A soletração pode ser uma área de complexidade para alguns, exigindo esforço adicional para dominar a ortografia correta das palavras. Além disso, problemas relacionados aos cálculos podem surgir, envolvendo a compreensão e aplicação de conceitos matemáticos.

É importante ressaltar que esses obstáculos não devem ser observados de maneira isolada, pois muitas vezes estão interligadas a fatores múltiplos, desde problemas de adaptação ao ambiente escolar, questões familiares, sociais, econômicas, violências de toda sorte, má alimentação entre tantas outras situações de vulnerabilidades presentes na vida do estudante sem nenhuma perspectiva de melhora nem mesmo a médio prazo, situações elementares de sobrevivência não resolvidas, que geram dificuldades inúmeras nas atividades escolares, desde a mais simples até as mais complexas.

Portanto, ao lidar com crianças que enfrentam desafios de aprendizagem, é crucial adotar uma abordagem holística, um olhar amplo e ao mesmo tempo, um lugar acolhedor quanto as particularidades, e isso só será possível se o professor conseguir se sensibilizar para as questões emocionais da criança, onde a afetividade terá lugar de destaque com atividades pedagógicas e porque não lúdicas?

Considerando não apenas as habilidades acadêmicas, mas também o bem-estar emocional e social do aluno. Dessa forma, haverá uma possibilidade maior de ações voltadas para estratégias de apoio, promovendo um ambiente inclusivo e propício ao desenvolvimento pleno de cada criança.

Quando a criança não consegue aprender, nada vai adiantar mandá-la para o reforço escolar, sem saber quais são os motivos que a levaram a apresentar obstáculos na aprendizagem. Conforme Bossa (2000, p. 12) “Quando se trata de problemas de aprendizagem escolar, de nada adianta medidas como reforço ou a aula particular apenas. Seria como ministrar o antitérmico sem o antibiótico, ou seja, combater a febre sem tratar a infecção”.

Segundo Sisto (2006), as barreiras de aprendizagem, engloba um grupo heterogêneo de transtornos, que vão afetar algumas áreas de conhecimento, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiência

múltipla ou desvantagens culturais. O autor acredita que as dificuldades não ocorrem em todas as áreas de uma só vez, o que nos leva a acreditar que pode estar relacionada a problemas de ordem emocional e adaptação social.

Caso não haja relação de cumplicidade afetiva entre aluno e professor, o estudante, certamente, não conseguirá se desenvolver.

De acordo Angelucci, et. al (2004, p. 56):

> Está presente nessa produção o pressuposto de que os alunos possuem dificuldades de ordem emocional, cultural, etc., que podem ser sanadas pelo professor se ele utilizar a técnica de ensino adequada. O construtivismo[1] é a alternativa mais comumente apresentada; o professor deve dominá-lo, acreditar na capacidade de desenvolvimento da criança e atuar mediante intervenções psicopedagógicas. Por meio desses procedimentos, prevê-se oajustamento da criança a uma escola que, baseada na técnica correta, proporcionaria condições propícias ao desenvolvimento das potencialidadesdos aprendizes.

É fundamental que os professores reconheçam a importância do diálogo e da mediação pedagógica no desenvolvimento de seus alunos. Quando os educadores compreendem a relevância desses discussões, podem contribuir significativamente para o progresso na aprendizagem.

Segundo Athaus (2008), a mediação pedagógica é fundamental para o processo de aprendizagem, sendo entendida como a atitude e o comportamento do docente que atua como facilitador, incentivador e motivador. O autor a descreve como uma "ponte não estática" entre o aprendiz e sua aprendizagem, destacando que mediar implica aproximar as partes e atuar como intermediário.

Mediar no contexto escolar, implica em criar uma conexão entre o professor, o aluno e o processo de aprendizagem. O professor que adota essa abordagem não é apenas um transmissor de conhecimento, mas um mediador de conhecimento. Ele tem a capacidade de articular as experiências dos estudantes com o conhecimento, estimulando-os a refletir sobre o mundo ao seu redor.

Nesse contexto, a importância da afetividade, pois ela abre caminhos

[1] A teoria do construtivismo, baseada nas ideias de Jean Piaget, defende que o conhecimento é construído ativamente pelo aprendiz, que não é um receptor passivo de informações. Segundo essa teoria, as pessoas constroem seu entendimento do mundo por meio de interações com o ambiente, adaptando seus esquemas mentais à medida que enfrentam novas experiências e desafios. O aprendizado, portanto, é um processo dinâmico, em que o sujeito reorganiza suas estruturas cognitivas para alcançar um equilíbrio entre o que já sabe e o que ainda precisa aprender.

fundamentais para o processo de aprendizagem. A afetividade está presente nas relações humanas e desempenha um papel fundamental no processo educacional. Pode-se, então, considerar a afetividade como um elemento para o sucesso da aprendizagem, pois um ambiente afetivo e acolhedor favorece o engajamento dos alunos e cria um espaço propício para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Portanto, ao integrar a mediação pedagógica com a afetividade, os professores têm a oportunidade de construir pontes sólidas entre eles, professores, alunos e o conhecimento, promovendo uma aprendizagem mais significativa e um ambiente educacional mais enriquecedor.

Autores como Henri Wallon (1989), possibilita a partir de seus estudos inúmeras contribuições sobre o tema. Lendo e estudando suas teorias, compreendemos que a inteligência não é fator principal no desenvolvimento da criança, e que a vida psíquica é dividida em três estágios: a afetividade, a cognição e a motora. O autor ainda defende que esses processos podem ser influenciados pelo meio que o cerca.

Ao discutir a relevância da afetividade na prática pedagógica, Henri Wallon (1989, p. 86) destaca que "as emoções desempenham um papel predominantemente no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno expressa seus desejos e vontades". O autor também enfatiza a influência decisiva das emoções no processo de crescimento e aprendizagem.

A afetividade não é um ato isolado, mas algo que permeia toda a sociedade, transcende barreiras de tempo e espaço e é compartilhado por todos os indivíduos, independentemente de sua idade, nível cultural ou posição social. Ela se faz apresentar nas mais diversas experiências humanas, moldando nossas interações e influenciando nossa maneira de perceber e interagir com o mundo.

Para Wallon (1989), a afetividade desempenha um papel crucial na formação da personalidade e no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ela serve como uma janela para as necessidades e desejos dos alunos, permitindo aos educadores compreender e abordar suas emoções de maneira construtiva. Ao considerar e valorizar as emoções dos estudantes, os professores podem criar um ambiente educacional mais acolhedor e propício ao aprendizado.

Assim, a abordagem de Wallon (1989) ressalta a relevância de considerar a

dimensão afetiva no contexto da educação, apoiando-a como uma força motriz que influencia diretamente o desenvolvimento humano e, consequentemente, o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, na visão psicogenética do autor, a emoção desempenha um papel central, sendo considerada um mecanismo vital para a sobrevivência da espécie humana.

A afetividade não constitui apenas uma das facetas essenciais da pessoa para mas também representa uma das fases mais primordiais do desenvolvimento humano. (Wallon, 1989)

No momento em que a humanidade transcendeu sua natureza puramente orgânica, passou a incorporar elementos afetivos. Gradualmente, essa afetividade evoluiu em direção à racionalidade. A afetividade e a inteligência se entrelaçam, com uma predominância inicial da primeira, mesmo quando ocorre uma diferenciação entre ambos, mantém-se uma reciprocidade contínua.

Ao longo da jornada de desenvolvimento, as oscilações na predominância entre afetividade e atividade cognitiva são evidentes. É importante notar que a evolução da afetividade depende das conquistas alcançadas no domínio da inteligência, e vice-versa.

Quando falamos em afetividade, observamos que ela está relacionada ao cuidado, amor, carinho e afeição, sendo um estágio psicológico que possibilita a demonstração de sentimentos. No entanto, a afetividade pode trazer tanto aspecto positivo quanto negativo. Entre os aspectos negativos, destaca-se o fato de que, quando a afetividade ultrapassa os limites apropriados, ela pode resultar em relações desequilibradas, como quando um profissional se envolve emocionalmente com um aluno de maneira excessiva, o que pode gerar dependência emocional ou expectativas inadequadas.

Além disso, a afetividade, se não bem gerida, pode comprometer a ética profissional, especialmente quando há favorecimento de indivíduos por laços afetivos. De acordo com Davis e Oliveira (1994, p. 82/83):

> Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o

> conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

A autora enfatiza que a aprendizagem está intrinsecamente ligada à dimensão afetiva das relações interpessoais, exercendo uma influência decisiva no processo educacional. Através do cultivo da afetividade, o educador e o educando constroem não apenas uma compreensão mútua, mas também forjam uma conexão profunda entre si, estabelecendo uma sintonia fundamental para o desenvolvimento do aprendizado.

É desejável para não dizer imperativo que o professor se posicione de maneira clara e acolhedora diante das dúvidas dos educandos. Esse gesto não apenas demonstra respeito e consideração, mas também instila, ou seja, injeta com delicadeza nos alunos a consciência de sua própria responsabilidade perante a sociedade, despertando um compromisso profundo e uma autonomia crescente.

Nessa perspectiva, o professor se percebe não apenas como um transmissor de conhecimento, mas também como um agente motivador do processo de aprendizagem dos estudantes, sendo parte fundamental de seu papel agir de forma a inspirar e estimular seus alunos, conforme afirmam Davis e Oliveira (1994). É crucial que os trabalhos pedagógicos sejam concebidos de modo a desafiar os estudantes, encorajando-os a superar obstáculos e a enfrentar as demandas que a escola apresenta.

Dessa forma, a interação afetiva entre professor e aluno se configura como um alicerce importante para o florescimento do potencial educacional de cada indivíduo, fortalecendo não apenas o aprendizado em si, mas também a formação de cidadãos conscientes e engajados em sua comunidade e na sociedade como um todo.

Sob esta perspectiva, é inegável que o afeto pode ser considerado como um dos pontos centrais da aprendizagem, pois este se torna um instrumento facilitador desse processo. Assim, o professor precisa, primeiramente, gostar da sua profissão, para que desenvolva seu trabalho de forma concisa e coerente, e também deve manter uma postura profissional, para que a afetividade não extrapole as barreiras éticas de sua profissão, pois o professor pode ser sociável e não perder a autoridade, sabendo que se construir uma relação afetiva com o educando, não deve impedir uma avaliação justa do desenvolvimento do mesmo.

Dessa maneira, o professor é peça fundamental, pois ele compreende o que é a afetividade, concretizando a produtividade das relações entre ele e a criança, e essas relações positivas estabelecem um clima favorável ao conhecimento.

2.4 Construindo saberes: A Interseção entre ensino, aprendizagem e relações afetivas

A aprendizagem é um processo contínuo em que a criança adquire conhecimentos a partir de suas interações com a sociedade e com indivíduos mais experientes desde o nascimento. Segundo Davis e Oliveira (1994, p. 21), “A psicologia da aprendizagem investiga o complexo processo pelo qual as ideias e os conhecimentos de uma sociedade são assimilados pela criança”.

O sucesso escolar da criança está diretamente ligado à sua capacidade de aprender. Se a aprendizagem não ocorrer de maneira adequada, é provável que a criança enfrente barreiras acadêmicas. Polity (2002, p. 29) afirma:

> Aprender está para a aprendizagem assim como ensinar está para a ensinagem, referindo-se a forma processual destes fazeres, o que permite considerar que a dificuldade de aprendizagem está intimamente relacionadaà dificuldade de ensinagem, e que ambas podem gerar o fracasso escolar.

Na escola, o desenvolvimento pleno do aluno é crucial, e o processo de aprendizagem é essencial para atingir esse objetivo. Esse processo envolve não apenas aspectos educacionais, mas também psicológicos, uma vez que a psicologia investiga a jornada da aprendizagem. A análise psicológica da aprendizagem possibilitou à educação descobrir novas abordagens e métodos para atingir metas educacionais de maneira mais eficaz e abrangente.

Assim, a colaboração entre a psicologia e ensino tem levado à implementação de estratégias inovadoras que visam não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o desenvolvimento emocional e social dos alunos.

Conforme Paín (1985, p. 23):

> A aprendizagem é um processo dinâmico que determina uma mudança, coma particularidade de que o processo supõe um processamento da realidade ede que a mudança no sujeito é um aumento qualitativo em sua possibilidadede atuar sobre ela. Sob o ponto de vista dinâmico a

> aprendizagem é o efeitodo comportamento, o que se conserva como disposição mais econômica e equilibrada para responder a uma situação definida. De acordo com isto, a aprendizagem será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito, pois a urgência da compensação dará mais relevância ao recurso encontrado para superá-la.

A aprendizagem é um componente essencial da educação, representando um fenômeno ou método relacionado ao ato ou efeito de aprender, que estabelece conexões entre estímulos e respostas equivalentes. É através da assimilação do conhecimento que o ser humano se desenvolve, sendo a aprendizagem um processo contínuo de construção e aprimoramento.

Salvador (1996, p. 34) descreve a psicologia da aprendizagem como um campo vasto dentro das teorias psicológicas. O ponto em comum entre essas teorias é que "os processos de aprendizagem desempenham um papel central no desenvolvimento humano". Algeri (2014, p. 02) define a aprendizagem como um processo pelo qual competências, habilidades, conhecimentos ou valores são adquiridos ou modificados por meio de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação.

Durante o processo de aprendizagem, é crucial considerar as particularidades de cada indivíduo na construção do seu próprio conhecimento. A capacidade cognitiva está intimamente ligada à aquisição de conhecimento, uma vez que, ao estabelecer essa conexão, os aspectos cognitivos são desenvolvidos. De maneira geral, o ser humano está constantemente aprendendo em diversos contextos e situações, e o conhecimento não é adquirido de forma isolada.

Para Vygotsky (apud CASTORINA, 1996), a aprendizagem é fundamental na constituição do ser humano, que começa a aprender desde o nascimento, ao compreender os "processos de desenvolvimento das funções psicológicas" (VIGOTSKY, 1993, p. 61).

Embora as crianças já tenham uma base de conhecimento pré-existente, suas experiências e a aquisição de novos conhecimentos constroem novos caminhos para a interpretação do mundo. Algeri (2014) ressalta que a criança aprende por meio do corpo, sendo essencial observar sua autoimagem e autoestima. Além disso, destaca a importância de investigar a condição cognitiva da aprendizagem, a harmonia entre as fases do desenvolvimento e a compreensão do conteúdo estudado. O autor também menciona que cada indivíduo possui uma aptidão particular para áreas

específicas do conhecimento ou da arte.

É responsabilidade da escola garantir que os alunos tenham acesso ao conhecimento e à cultura do povo, o professor precisa ter um olhar humanizado para o aluno na construção do conhecimento durante o processo de aprendizagem.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia científica fornece um conjunto estruturado de técnicas e procedimentos que orientam o investigador na busca por conhecimentos científicos, assegurando a precisão e a consistência dos resultados (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Para este estudo optamos por uma pesquisa de campo, de acordo com Marconi e Lakatos (2017), pesquisa de campo é aquela em que o pesquisador vai ao local onde o fenômeno se manifesta para coletar dados primários, buscando um entendimento mais profundo e contextualizado da realidade estudada. Esse tipo de pesquisa é fundamental para capturar informações em seu contexto natural e real. Gil (2008) descreve que a pesquisa de campo pode incluir a observação direta, entrevistas e questionários aplicados diretamente aos participantes. Isso permite uma aproximação mais genuína com o objeto de estudo e uma maior precisão nas informações obtidas.

A pesquisa de campo é valorizada por Creswell (2014), por fornecer insights mais detalhados e contextualizados sobre os fenômenos sociais e naturais, que muitas vezes não podem ser compreendidos plenamente através de dados secundários ou análises teóricas isoladas.

Nosso foco principal foi compreender a metodologia como um método de investigação, fundamentando teoricamente o estudo com autores como Lüdke e André (1986), Minayo (2014) e Gil (2008). Para a pesquisa, escolheu-se o método qualitativo, pois, segundo Bardin (2016), nesse tipo de análise, a informação é obtida com base na presença ou ausência de características específicas em um fragmento de mensagem.

Assim, uma abordagem qualitativa é uma ferramenta valiosa para aprofundar a compreensão e interpretar dados, pois permite uma análise minuciosa e

contextualizada, levando em conta não apenas os aspectos numéricos, mas também as nuances e a complexidade das informações envolvidas.

Bogdan e Biklen (1994), definem abordagem qualitativa, por uma abordagem que busca compreender e analisar experiências intricadas, devendo durante o processo de coleta de dados, enfatizar escuta atenta, fazer perguntas relevantes e observar minúcias durante a coleta de dados.

Segundo Minayo (2014, p. 14), a metodologia orienta nossa abordagem, sendo compreendida como um conjunto que abrange a teoria da abordagem (o método), os instrumentos para operacionalizar o conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador, que inclui sua experiência, capacidade pessoal e sensibilidade. Para Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa envolve a coleta de dados descritivos, sendo essas adquiridas no contato do pesquisador com o objeto de estudo.

Durante nossos estudos, realizamos leituras sobre o tema em várias fontes científicas: livros, dissertações e teses, além de artigos e outros elementos digitais científicos os quais possam fornecer dados relevantes para o aprofundamento teórico do tema. Com base nisso, definimos uma abordagem que consideramos ser a mais adequada para responder às questões iniciais e alcançar o objetivo principal da pesquisa.

Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa possui cinco características: o ambiente natural serve como a fonte primária de dados e o pesquisador atua como o principal instrumento; os dados obtidos são principalmente descritivos; há uma maior ênfase no processo em vez do resultado final; e o foco é mais sobre o significado.

Ao longo do trabalho, coletamos dados que foram cuidadosamente analisados, para análise dos dados escolhemos a Análise de Conteúdo por apresentar uma versatilidade considerável, permitindo a aplicação de diversas técnicas para a descrição de dos mesmos, seja através de diálogos ou textos. Nesta etapa de tratamento e análise, os dados foram organizados em categorias, pois, segundo Minayo (2014), a Análise de Conteúdo, embora seja a expressão mais comum para o tratamento dos dados em pesquisas qualitativas, vai além de um procedimento técnico, representando uma busca histórica tanto teórica quanto prática no campo das investigações sociais.

Temos assim na Análise de Conteúdo um olhar em que a pesquisa estará relacionada à investigação social para além da cognição, dentro de uma perspectiva mais ampla como já mencionada anteriormente, sendo esta técnica avaliativa para Bardin (2016, p. 42):

> Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A pesquisa qualitativa, voltada para a análise de conteúdo, concentrou-se na percepção dos professores sobre afetividade, da afetividade na relação de ensino aprendizagem dos alunos na disciplina de ciências e matemática.

Elaboramos um questionário on-line pelo *google forms*[2], que foi enviado a onze professores de ciências e matemática, dos quais apenas sete retornaram com suas respostas. A pesquisa teve como objetivo explorar as percepções dos professores sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo uma compreensão mais aprofundada de como a afetividade é percebida e integrada nas práticas pedagógicas, além de identificar os desafios e as oportunidades relacionadas à sua incorporação no currículo.

Desta forma, buscamos não só conhecer nosso tema de pesquisa, mas aprofundar, explorar, provocar reflexões, compreender com intuito de melhorar a compreensão do problema, embasado na ciência e nas referências bibliográficas, mostrar que a afetividade é um elemento importante na mediação do ensino e da aprendizagem.

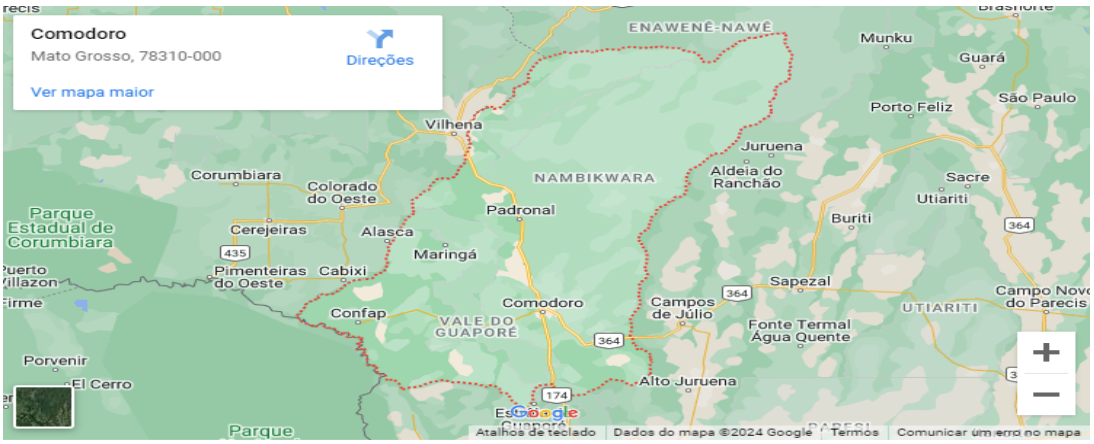
Importante destacar que não soubemos o motivo do não retorno dos outros professores a nossa pesquisa, mas pela quantidade numérica dos que responderam, consideramos que a amostragem da escola foi significativa para discussão e análise.

[2] Google Forms é uma ferramenta gratuita do Google que permite criar formulários e pesquisas online de maneira fácil e rápida. Ele é ideal para coletar informações, fazer questionários, pesquisas de opinião, inscrições, entre outros tipos de coleta de dados.

a. Lócus da pesquisa e os colaboradores

O município de Comodoro/MT está localizado na região sudoeste, distante 644 km da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá. Localizado a uma altitude de 615 m acima do nível do mar, sua extensão territorial é de 22.894 km² e tem como municípios limítrofes: ao norte, Campos de Júlio; ao sul, Rondolândia; a leste, Sapezal; a oeste, Vilhena.

Figura 1 – Localização do município de Comodoro – MT.



Fonte: https://www.comodoro.mt.gov.br/Comodoro/Como-Chegar/, 2024.

É neste contexto geográfico que se encontra a escola a pesquisada, localizada no município de Comodoro – MT.

A quantidade de participantes se mostrou significativa, pois foram enviados 11 questionários, ou seja, para todo o quadro de professores de ciências e matemática lotados na referida escola, sendo que 7 (sete) participaram, ou seja, aproximadamente cerca de 70% dos professores contando a quantidade de professores de ciências e matemática. Consideramos que a amostragem foi significativa e representativa para esta pesquisa, com critérios que favoreceram o olhar para alcançar nossos objetivos, pois temos como foco a relação de ensino e aprendizagem e a afetividade na educação básica, analisando quais os principais desafios que os professores encontram em desenvolver uma boa relação com os alunos.

A Escola em 2024, tem estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio Integral, com turno matutino e vespertino, e 10 salas de aula. Possui espaço da sala de recurso multifuncional, espaço físico para atendimento

psicossocial, laboratório de informática, secretaria, sala da direção escolar, Biblioteca Integradora, sala dos professores, cozinha, sanitários para alunos e para os professores, despensas, quadra polidesportiva e pátios para atividades diversas.

A clientela é oriunda de diferentes classes sociais, com diferentes níveis de instrução escolar. O estabelecimento de ensino recebe principalmente estudantes de todos os lugares da cidade, ficando próximo a Rodovia Federal (BR 364), alguns estudantes são de famílias em situação de vulnerabilidade social e beneficiários do Programa Nacional Bolsa Família[3] e Programa Pé de Meia.[4]

A escola atende também estudantes que residem em sítios e fazendas no período matutino. Não há atendimento para esses alunos no período vespertino, pois eles dependem do transporte escolar, que opera apenas pela manhã.

A formação básica, conforme definida pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, busca promover o desenvolvimento das habilidades dos alunos, contemplando tanto a aquisição de conhecimentos acadêmicos quanto o desenvolvimento de valores e habilidades sociais. Essa formação inclui a compreensão crítica do ambiente social em que o aluno está inserido, o que envolve aprender sobre direitos, deveres e cidadania, além de desenvolver competências emocionais e sociais, como empatia, respeito e responsabilidade.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme aponta Freire (1996), a educação deve ser vista como um processo que visa a transformação social e a emancipação dos indivíduos, enfatizando a importância da prática pedagógica voltada para a liberdade e a crítica.

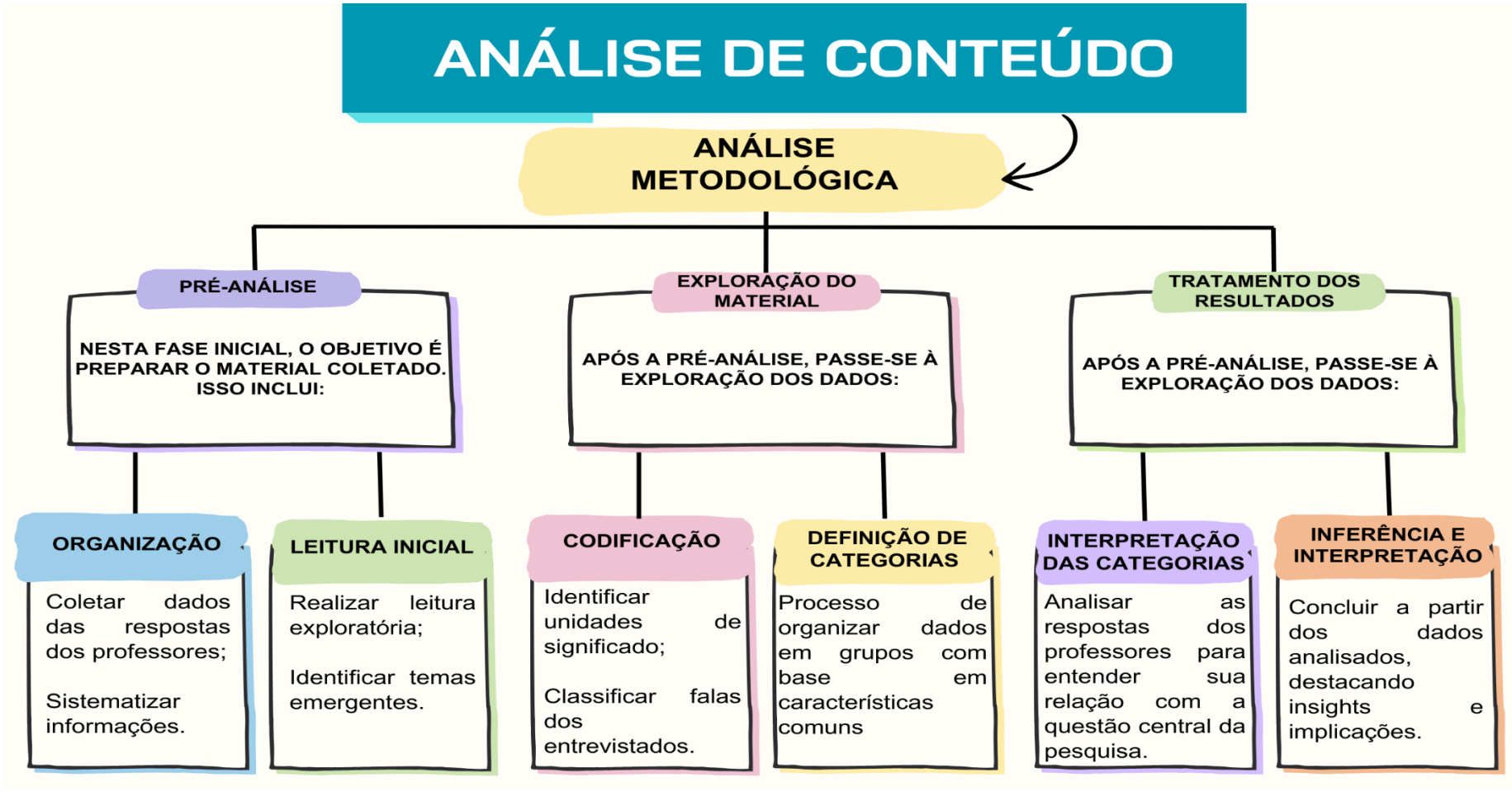
Ele argumenta que "A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo" (FREIRE, 1996, p. 43). Este entendimento reforça a importância de uma abordagem educacional que valorize a autonomia e o engajamento dos alunos, promovendo a reflexão crítica e o compromisso com a justiça social.

[3] Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda do governo federal brasileiro, destinado a famílias em situação de pobreza e extrema pobreza.
[4]Programa Pé de Meia é uma iniciativa voltada para a educação financeira e a promoção do empreendedorismo, especialmente para jovens, pequenos empresários ou grupos em situação de vulnerabilidade social.

Neste capítulo iremos trazer as respostas de nossos entrevistados, discorrer sobre e a partir das reflexões, analisar os resultados obtidos, que estarão divididos em categorias. A análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) é uma ferramenta útil para explorar os significados e percepções dos entrevistados sobre a sua percepção da afetividade.

Sendo assim, conforme fluxograma a seguir, iniciaremos a separação dos dados conforme cada categoria.

FLUXOGRAMA 1



Fonte: Autora

Para a análise de conteúdo, iremos trabalhar os dados conforme descrita por Bardin (2016), que se revela uma metodologia eficaz para investigar os significados e percepções dos entrevistados sobre a afetividade. Elaboramos um questionário pelo *google forms*, que foi enviado a 11 professores, dos quais apenas 7 retornaram com suas respostas. Em respeito à ética profissional e humana, identificamos os participantes enumerando os mesmos do P1 ao P7, para preservar suas identidades.

As categorias de análise foram desenvolvidas progressivamente ao longo da investigação, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada dos dados.

a. Perfil dos entrevistados

Conhecer o perfil dos entrevistados em uma pesquisa é importante para garantir que os dados coletados sejam relevantes e adequados ao objetivo do estudo.

A pesquisa deve considerar as características, conhecimentos e experiências dos participantes para que as respostas reflitam as nuances da realidade estudada, permitindo interpretações mais precisas e contextualizadas.

Além disso, compreender o perfil dos entrevistados contribui para a análise crítica dos resultados, fortalecendo a validade das conclusões e o impacto da pesquisa na área de estudo.

A seguir, na próxima página, apresentamos um quadro para apresentar nossos entrevistados.

Tabela 1 – Dados do perfil e sigla atribuído a cada um dos participantes.
Fonte: Dados do questionário aplicado aos participantes.

Participante:	Formação profissional:	Tempo de serviço na educação:	Idade:	Sexo:	Disciplinas que ministra aula:	Turmas de ensino que ministra aula:
P1 -	Mestrado	12 anos	38	F	Ciências.	7° ao 9° ano.
P2 -	Especialização	14 anos	45	F	Biologia/Física e Química	1° e 2° ano do Ensino médio
P3 -	Especialização	29 anos	53	F	Matemática, química e biologia	7 e 8 anos.
P4 -	Especialização	7 anos	37	M	Matemática	Ensino fundamental: 7°, 8°e 9°. Ensino médio 1°, 2° e 3°.
P5 -	Especialização	8 Anos.	28	M	Química e Física.	1º, 2º e 3º séries do Ensino Médio
P6 -	Mestrado	6 anos	29	M	Biologia, Ciências e Química	Atualmente coordenação Escolar. Porém, séries de atuação são 1°, 2° e 3° anos do Ensino Médio.
P7 -	Mestrado	6 anos	36	F	Matemática	5°, 6°, 7°, 8° e 9°

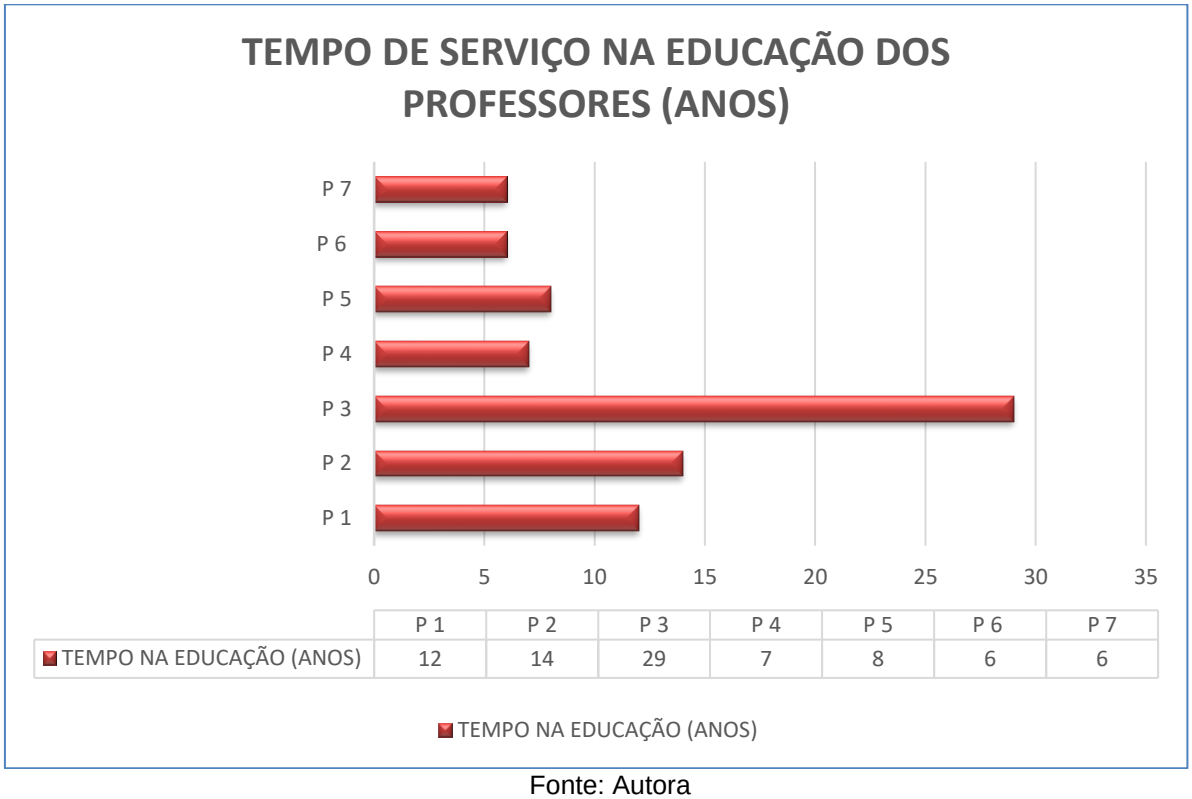
Na sequência, serão apresentados três gráficos que oferecem uma visão detalhada e clara sobre aspectos importantes da pesquisa realizada com os professores participantes.

O primeiro gráfico demonstra o tempo de serviço dos professores na área da educação, proporcionando uma análise de tempo de experiência de cada participante. O segundo gráfico ilustra as turmas nas quais os professores ministram suas aulas, permitindo entender melhor o perfil de alunos com os quais eles interagem, além de destacar as diferentes etapas da educação em que atuam.

Por fim, o terceiro gráfico apresenta a distribuição por gênero dos participantes da pesquisa, proporcionando um panorama sobre a diversidade de gênero no ambiente educacional.

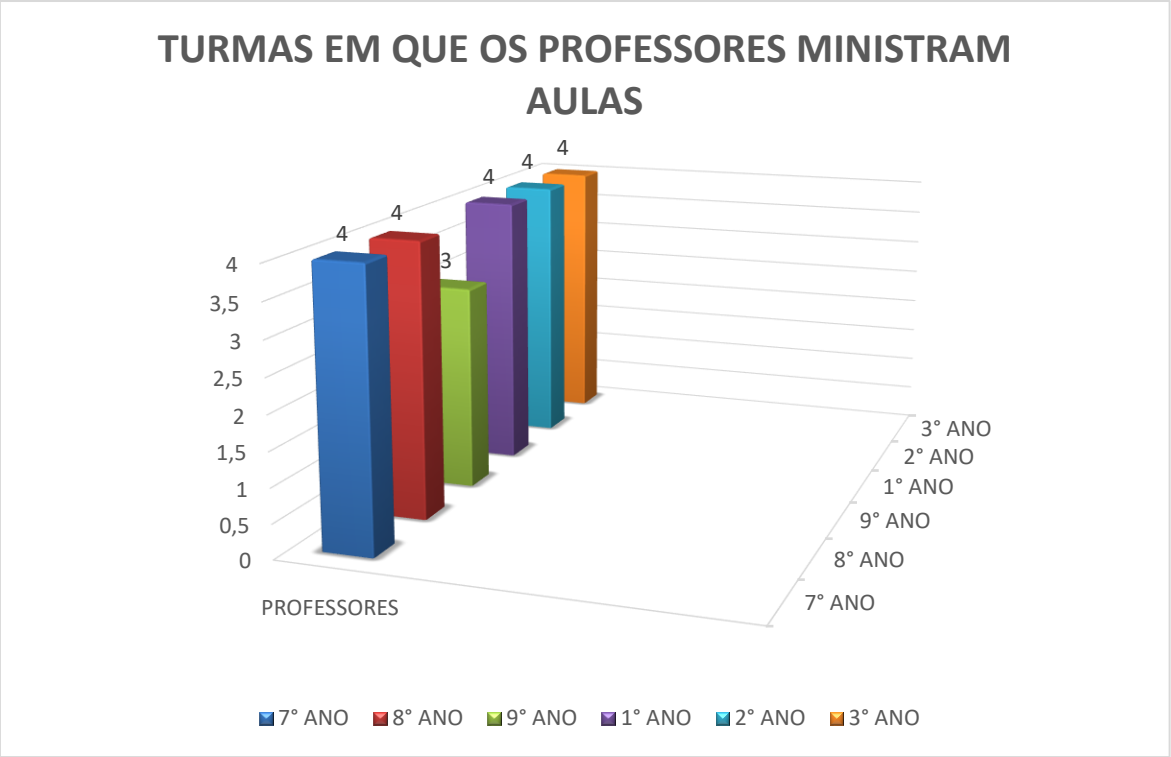
Esses gráficos têm como objetivo fornecer dados precisos e facilitar a análise comparativa entre as variáveis abordadas, contribuindo para um entendimento mais completo do perfil dos docentes envolvidos neste estudo.

GRÁFICO 1



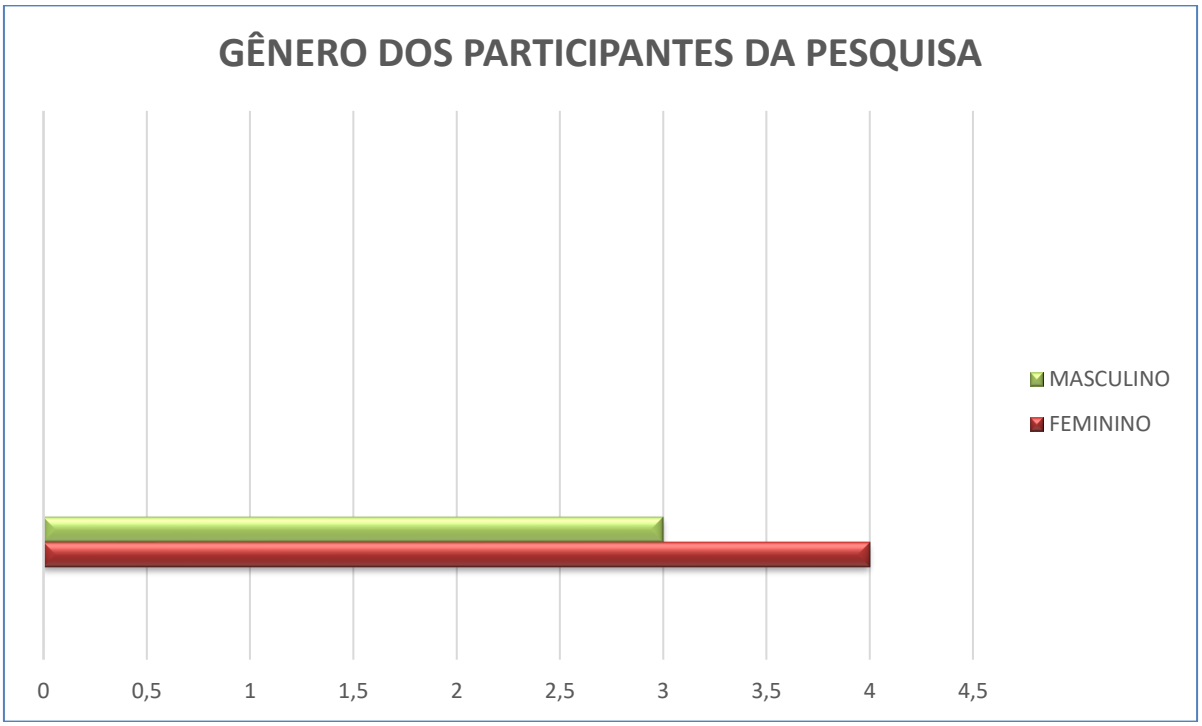
Fonte: Autora

GRÁFICO 2



Fonte: Autora

GRÁFICO 3



Fonte: Autora

Embora as mulheres representem a maioria neste grupo, o estudo em questão não tem o objetivo de abordar questões de gênero. No entanto, vale ressaltar que a feminização do magistério, principalmente nas áreas da educação infantil e do ensino básico no Brasil, que é uma temática investigada por estudiosos da área educacional.

Ainda hoje, podemos perceber vestígios de uma época em que a carreira docente era predominantemente ocupada por mulheres, refletindo um contexto histórico em que o magistério era socialmente associado ao sexo feminino.

4.1 Discussão e Analise dos Dados dos Professores Sobre a Afetividade nas Práticas Cotidianas no Ambiente Escolar

A seguir, faremos uma análise aprofundada das respostas dos participantes ao questionário, com o objetivo de compreender suas percepções sobre afetividade, abordando desde nuances sutis até dimensões mais amplas desse fenômeno. As categorias foram extraídas a partir das perguntas formuladas no questionário, conforme detalhado nas tabelas anexas (Anexo I), e organizadas com base na metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2016).

As respostas dos participantes foram interpretadas à luz de teorias educacionais sobre afetividade e cognição, permitindo uma relação com perspectivas de diversos autores, e a afetividade, conforme abordada por teóricos como Wallon (1989), Vygotsky e Piaget (2020), desempenha papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem.

Ao utilizar a metodologia de Bardin (2016), buscamos categorizar e codificar as respostas de modo a evidenciar os temas emergentes. As percepções dos participantes sobre a afetividade revelam que ambientes onde há estímulo positivo e apoio emocional são mais propícios ao desenvolvimento cognitivo e à motivação para aprender.

Essa análise também está alinhada com a literatura sobre afetividade no contexto educacional, onde autores enfatizam a importância das emoções na construção do conhecimento.

4.2 Percepções Sobre Definição de Afetividade

As respostas dos professores sobre o conceito de afetividade indicam que eles percebem a afetividade como um componente central nas relações interpessoais.

Vygotsky (como citado por Sasaki *et al*., 2021) também reforça a ideia de que a afetividade e a cognição são inseparáveis no processo de desenvolvimento humano. O afeto não apenas facilita a comunicação, mas também cria um ambiente propício para o desenvolvimento cognitivo. Piaget (2020), por sua vez, menciona que o desenvolvimento emocional é tão importante quanto o desenvolvimento cognitivo, e ambos se influenciam mutuamente.

A afetividade é vista como um elemento social e emocional. Wallon (1986), enfatiza que a afetividade integra o emocional e o social, contribuindo para o desenvolvimento da criança.

As respostas do participante P1, que menciona "laços de intimidade e afinidades entre indivíduos", e do professor P4, que fala sobre "sentimentos ou emoções usadas nas relações sociais", refletem essa visão. Para Wallon (1986), a afetividade antecede o desenvolvimento cognitivo, sendo por meio das interações afetivas que a criança começa a construir sua compreensão do mundo e a se relacionar com os outros.

A expressão de cuidado e empatia é outra faceta importante.

Definições dos participantes P2, P3 e P6, que descrevem a afetividade como algo "amoroso", "se colocar no lugar do outro" e "acolhimento", reforçam a ideia de que a afetividade envolve ação e empatia. Vygotsky (1984) coloca a afetividade no centro do desenvolvimento cognitivo, argumentando que o aprendizado é mediado pelo contexto social e afetivo.

A empatia mencionada pelo professor P3 e o acolhimento citado pelo participante P6 promovem um ambiente seguro onde a criança pode aprender e desenvolver suas habilidades.

A afetividade é também associada à ação e ao reconhecimento.

Respostas como as dos participantes P5, P6 e P7, que vinculam a afetividade à "demonstração de importância" e "consideração pelos sentimentos", estão alinhadas com as ideias de Paulo Freire (1996), pois reconhecem que o processo educativo

deve se basear no diálogo e no respeito mútuo, o acolhimento e a consideração pelo outro fortalecem a relação pedagógica.

Além disso, a afetividade e o desenvolvimento cognitivo estão interligados. Para Piaget (1975), o interesse afetivo motiva o desenvolvimento intelectual. Participantes que mencionam "cativar" e "demonstrar importância" sugerem que o afeto é uma ação ativa que motiva o outro a se engajar no aprendizado, ou seja, podemos perceber a importância do aluno ao sentir-se parte do processo de ensino e aprendizagem. Piaget (2020), reforça que o afeto é o motor da inteligência — quando os alunos se sentem valorizados, seu envolvimento cognitivo se intensifica.

Em conclusão, as percepção dos professores indicam que a afetividade é essencial para o sucesso escolar, estabelecendo um vínculo de confiança entre professor e aluno. Destaca-se que a afetividade impulsiona a motivação e a curiosidade intelectual, criando um ambiente seguro onde os alunos podem enfrentar desafios. O papel do professor vai além da transmissão de conhecimento — ele deve ser um mediador das emoções e aprendizagens, promovendo respeito e diálogo.

A afetividade, portanto, não apenas impulsiona a curiosidade intelectual, mas também é um fator determinante no desempenho acadêmico e no desenvolvimento integral do aluno.

De acordo com Papalia (2017), o desenvolvimento é um processo contínuo e dinâmico, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, que se manifestam de maneira interdependente ao longo da vida. No contexto escolar, isso significa que a educação deve ir além da simples transmissão de conhecimentos acadêmicos, promovendo também o desenvolvimento emocional e social dos alunos. A autora enfatiza que é essencial criar um ambiente educacional que favoreça o autoconhecimento, a empatia e o respeito às diferenças, incentivando a formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios da vida de maneira equilibrada.

Assim, a escola desempenha um papel fundamental ao proporcionar experiências que favoreçam não apenas o aprendizado cognitivo, mas também o crescimento pessoal, desenvolvendo competências como pensamento crítico, criatividade e habilidades interpessoais, essenciais para a formação de cidadãos completos e resilientes.

4.3 Aprendizagem e Afetividade no Processo Educativo

A análise sobre a importância da afetividade no ensino e aprendizagem, com base nas respostas dos participantes, revela um consenso unânime sobre o papel fundamental do afeto no sucesso educacional. Todos os participantes reconhecem que a afetividade facilita o processo de aprendizagem, ajudando a "desbloquear medos", promovendo o respeito, o interesse e permitindo uma maior identificação dos alunos com o conteúdo.

Esses pontos convergem com as perspectivas teóricas de Paulo Freire (1996), que defende uma pedagogia baseada no afeto e no respeito mútuo, e de Vygotsky (SASAKI *et al.,* 2021), que destaca a importância das relações sociais no aprendizado, onde o afeto fortalece o vínculo entre professor e aluno, promovendo a troca de saberes.

De forma geral, os participantes (P1 a P7) veem a afetividade como essencial para o sucesso educacional, especialmente pela sua capacidade de aproximar professor e aluno, criando um ambiente de confiança e colaboração. Os participantes (P1 a P6), por exemplo, destacam que os laços afetivos facilitam as relações e promovem uma troca eficaz de saberes. Essas observações estão alinhadas com as teorias de Vygotsky e Wallon, que ressaltam que a afetividade não só facilita a comunicação, mas também integra o emocional e o cognitivo.

A afetividade também se mostrou crucial para manter o foco e a atenção dos alunos. O participante P3 destacou que uma atenção especial é importante para engajar os alunos nas atividades, enquanto o participante P4 afirmou que o afeto ajuda a superar medos e inseguranças que podem prejudicar a aprendizagem.

Já o professor P5, por sua vez, observou que uma boa relação com o professor facilita a identificação com o conteúdo, e o colaborador da pesquisa P7 concordou, afirmando que uma relação afetuosa torna o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. A afetividade, assim, é vista como uma chave para criar um ambiente propício ao aprendizado, onde os alunos se sentem valorizados e motivados.

A maioria dos participantes relataram que as relações afetivas impactam diretamente o desempenho dos alunos. O professor P1, por exemplo, observou que em turmas com maior afetividade, os resultados são melhores, enquanto a falta de

afetividade leva a um desinteresse generalizado. Isso corrobora a ideia de Wallon (2007) de que a afetividade é central para o desenvolvimento cognitivo.

Enquanto o colaborador da pesquisa P2 reforçou que respeito e incentivo são essenciais para criar uma relação afetiva produtiva, e o participante P3, embora reconheça que a afetividade pode não ser relevante para todos os alunos, reconheceu sua importância para aqueles que precisam dessa conexão emocional. O professor P4 completou essa visão, destacando que a afetividade pode promover uma formação integral, além de facilitar a aproximação ao conteúdo.

Os participantes relataram ainda como a criação de um ambiente afetuoso pode motivar os alunos a se engajarem mais nos conteúdos, mesmo em áreas tradicionalmente difíceis, como a Genética. O professor P1 relatou que, ao demonstrar desagrado com uma turma, notou um aumento na desmotivação e indisciplina, enquanto os participantes P2 e P3 destacaram que a construção de relações de carinho e respeito resultou em maior engajamento e mudanças positivas no comportamento dos alunos.

O entrevistado P4 observou que alunos com dificuldades sociais e acadêmicas podem se transformar quando recebem atenção afetiva, melhorando seu desempenho e impacto na vida social.

Além disso, o professor P5 usou elementos da saga "*Harry Potter*"[5] para criar identificação com os alunos, despertando seu interesse pela Química. Esse tipo de personalização do ensino, baseado em interesses comuns, também reforça a ideia de Cunha (2017), de que o afeto pode atuar como uma ponte para o aprendizado, criando um ambiente em que os alunos se sintam valorizados e motivados a aprender.

Para os professores P6 e P7 relataram que o afeto foi crucial para despertar o interesse de alunos desmotivados, sendo um facilitador importante no processo de aprendizagem.

Esses relatos, como o do professor P1, que diz que quando demostra afeto percebe um maior interesse dos alunos, evidenciam que o afeto, além de ser um fator motivacional, podem transformar a dinâmica educacional, motivando os alunos e o

[5] Harry Potter é uma série de sete livros de fantasia escrita pela autora britânica JK Rowling. A história segue a vida de um jovem bruxo chamado Harry Potter, que descobre aos 11 anos que é famoso no mundo mágico por ter sobrevivido a um ataque do bruxo das trevas Lord Voldemort quando bebê.

relacionamento entre professor e aluno, e criando um ambiente de aprendizagem mais eficaz.

A afetividade desempenha um papel fundamental nas relações familiares, sendo um fator determinante no desempenho acadêmico dos indivíduos. O envolvimento afetivo da família nas questões educacionais pode influenciar positivamente a motivação e o sucesso escolar.

Como afirmam autores como Tardif (2005), "a família é o primeiro espaço de aprendizagem, e seu impacto sobre a formação do indivíduo vai muito além do que se espera, moldando não apenas os saberes, mas também as atitudes em relação ao conhecimento".

Assim, o suporte emocional e o acompanhamento familiar tornam-se elementos importantes para o desenvolvimento dos alunos. A parceria entre escola e família é vital para garantir o desenvolvimento da criança, unindo aspectos emocionais, sociais e educacionais.

4.4 Presença de Temas Relacionados à Afetividade na Formação Docente

Embora a maioria dos participantes tenha afirmado que a afetividade raramente é abordada nas formações continuadas, alguns reconheceram que o tema surge esporadicamente. Isso evidencia uma lacuna nas formações docentes, onde temas como metodologias de ensino e avaliação são priorizados em detrimento das questões afetivas. Vygotsky (1993), Wallon (1986) e Freire (1996) defendem que, para que a educação seja verdadeiramente transformadora, é necessário que os professores compreendam a importância da afetividade no processo de aprendizagem.

Dessa forma, incluir esse tema nas formações continuadas seria um passo importante para melhorar a qualidade da educação, promovendo um ambiente mais acolhedor e produtivo para os alunos.

Quando questionados sobre a presença de temas relacionados à afetividade em suas formações, a maioria dos professores (P1 a P4) afirmou que esses temas não são abordados com frequência. No entanto, o professor P5 relatou que a "pedagogia

da presença"[6], que incentiva a aproximação afetiva entre educadores e alunos, é discutida em suas formações, destacando a relevância do professor como alguém que não apenas transmite conteúdo, mas também promove vivências e acolhimento.

O participante P6 mencionou que teve contato com a teoria de Wallon sobre afetividade durante sua graduação, mas apenas de forma informal, o que sugere que, embora essencial para uma prática pedagógica humanizada, o tema ainda é pouco explorado nas formações formais. A ausência de discussões formais sobre a afetividade pode resultar em uma formação mais técnica, menos voltada para o desenvolvimento emocional dos alunos.

Na categoria "Motivos da Ausência de Afetividade nas Formações", os participantes consideram que o afeto pode ser um elemento essencial ou recurso fundamental no processo pedagógico, capaz de facilitar o aprendizado e criar um ambiente harmonioso, promovendo maior empenho dos alunos. Essa visão corrobora as teorias de Freire (1996) e Wallon (1986), que defendem que o afeto é essencial para construir relações educacionais saudáveis e eficazes. Contudo, os participantes indicaram diferentes motivos para a ausência de afetividade em suas formações.

O professor P1 acredita que o foco excessivo em metodologias pode contribuir para isso, embora reconheça a importância da afetividade para o processo de ensino-aprendizagem. Já o participante P2 aponta a falta de atenção e empatia nos programas formativos, enquanto o participante P3 sugere que a pressão por resultados no desempenho dos alunos leva à desconsideração dos aspectos emocionais e afetivos.

O professor P4 sugere que o desconhecimento dos próprios professores sobre a importância da afetividade pode ser uma razão para essa ausência, além de uma possível desvalorização do tema por parte da hierarquia educacional. O colaborador da pesquisa P6 destaca que as formações continuadas focam mais em habilidades técnicas e defasagens do que em soluções afetivas, perdendo a oportunidade de discutir melhorias na relação professor-aluno.

O participante P7 acrescenta que a extensão do currículo dos cursos de formação limita a profundidade com que o tema é abordado, embora, com a

[6] A Pedagogia da Presença valoriza a interação emocional entre educador e aluno, promovendo um ambiente de confiança. O educador se envolve genuinamente com os estudantes, buscando um ensino mais humano e significativo, que desenvolve tanto as habilidades cognitivas quanto emocionais.

implementação da nova BNCC, o tema da afetividade tenha ganhado mais destaque. Cunha (2017) argumenta que a discussão sobre a afetividade é crucial, pois ela pode transformar profundamente as práticas docentes, contribuindo para uma educação mais integradora e eficaz.

Teoricamente, a afetividade surge como uma força transformadora no ambiente educacional, indo além das técnicas pedagógicas e conteúdos acadêmicos. Ao promover uma abordagem empática e integradora, ela contribui para um aprendizado mais relevante e transformador para o desenvolvimento global dos estudantes. Cunha (2017) reforça que discutir a afetividade não só altera a prática docente, mas também contribui para uma educação mais inclusiva e alinhada às necessidades emocionais dos alunos.

4.5 Afetividade como Ferramenta Pedagógica e sua Aplicação Prática em Sala de Aula

Muitos dos participantes destacaram o uso do afeto como uma ferramenta pedagógica essencial em suas práticas diárias de ensino, seja por meio de aulas descontraídas, feedbacks positivos, ou criando um ambiente de acolhimento e respeito.

Essas práticas estão alinhadas com a perspectiva de Vygotsky (SASAKI *et al*., 2021), que ressalta a importância das interações sociais no aprendizado. Freire (1996) também enfatiza a necessidade de uma educação que valorize o ser humano em sua totalidade, incluindo suas emoções e sentimentos, criando uma experiência escolar onde o aluno se sente respeitado e valorizado.

Esse ambiente de afeto, segundo os professores P2 e P3, promove relações pautadas no respeito e cordialidade, criando um contexto favorável ao aprendizado, enquanto o participante P4 destaca o papel do afeto em desbloquear medos e inseguranças, permitindo que o aluno se desenvolva de maneira mais plena.

A afetividade aplicada na prática docente, como exemplificado pelo colaborador da pesquisa P1, visa promover um ambiente mais confortável e favorável à aprendizagem, alinhando-se às ideias de Vygotsky (1984), que defende que o aprendizado ocorre de maneira mais eficaz em contextos sociais afetivos e colaborativos.

O professor P2, por sua vez, utiliza elogios e incentivos como ferramentas para criar uma relação positiva com os estudantes, o que se conecta à teoria de Coll (2004), que argumenta que a interação afetiva e os reforços positivos são fundamentais para um ambiente de aprendizagem mais motivador e eficaz. A criação de um ambiente motivador, onde os alunos se sentem reconhecidos, favorece o engajamento e a persistência, cruciais para superar desafios acadêmicos.

Além disso, os participantes P3 e P4 reforçam a importância de compreender as necessidades emocionais dos alunos e garantir segurança emocional, pois o processo de ensino-aprendizagem não se limita ao conteúdo curricular, mas também envolve o cuidado com o bem-estar emocional.

O professor P5 descreve diversas ações afetivas, como cumprimentar os alunos, criar momentos de descompressão e oferecer feedbacks positivos, práticas que ecoam as ideias de Wallon (1986), que considera a afetividade e a inteligência indissociáveis no desenvolvimento humano. Para Wallon, as interações afetivas influenciam diretamente a capacidade de assimilação e compreensão dos alunos, fortalecendo sua autoestima e habilidades de enfrentar desafios.

Os colaboradores da pesquisa P6 e P7 aplicam uma abordagem semelhante, criando ambientes de diálogo e promovendo interações afetivas através de símbolos e momentos especiais, em consonância com a educação dialógica defendida por Freire (1996), que baseia a relação educacional no respeito, empatia e afeto, com o professor atuando como mediador, não apenas como transmissor de conhecimento. A presença constante do afeto, portanto, facilita a construção da aprendizagem.

Cunha (2017) também ressalta que, quando aplicada de forma consistente, a afetividade transforma o espaço escolar em um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento emocional e cognitivo. Assim, o afeto não só motiva, mas também cria condições para que os alunos se sintam seguros para explorar, questionar e aprender, refletindo as teorias consagradas sobre a educação e reforçando o afeto como um componente fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

5. REFLEXÕES FINAIS

A presente dissertação é fruto de uma reflexão profunda sobre a relação entre afetividade e o processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas de ciências e matemática. Mais do que analisar teorias ou interpretar dados, este trabalho busca dar voz às experiências, percepções e sentimentos de professores que lidam diariamente com os desafios e as possibilidades de ensinar.

A partir dos questionários aplicados online, foram coletados relatos, cheios de significado, que revelam como a afetividade transcende o simples ato de ensinar. Os participantes compartilharam suas visões, preocupações e práticas, ajudando-nos a compreender o papel transformador do afeto no ambiente escolar. De suas respostas emergiram histórias de dedicação e cuidado, mas também de desafios e a constante busca por equilíbrio entre a razão e a emoção na prática pedagógica.

Os dados, analisados com atenção e sensibilidade, mostram que a afetividade não é apenas um complemento, mas um elemento essencial no processo educativo. Um ambiente acolhedor, onde os alunos se sentem seguros e valorizados, faz toda a diferença. É nesse contexto que disciplinas como ciências e matemática, muitas vezes vistas como difíceis ou distantes, se tornam acessíveis e próximas.

A pesquisa também revelou uma lacuna importante: embora os professores reconheçam o valor da afetividade, relataram a falta de formação continuada que os prepare para aplicá-la de forma mais consciente e estratégica. Isso nos leva a questionar: como a formação docente pode ser repensada para incluir o afeto como uma competência indispensável, tão fundamental quanto o domínio dos conteúdos específicos?

A análise das respostas também trouxe à tona práticas pedagógicas concretas que integram a afetividade ao ensino. Pequenos gestos, como palavras de incentivo, escuta atenta e feedbacks positivos, aparecem como poderosos aliados na construção de uma relação de confiança com os alunos. Esses atos simples têm o potencial de transformar não apenas o desempenho acadêmico, mas a forma como os estudantes percebem no mundo.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a afetividade é uma força que motiva, inspira e constrói. Quando os alunos se sentem acolhidos, eles enfrentam os desafios

com mais coragem, ultrapassam barreiras cognitivas e emocionais e desenvolvem uma visão mais positiva do aprendizado. Essa conexão entre o afeto e o conhecimento é o que faz da educação um processo verdadeiramente humano e significativo.

Finalizando, deixo uma reflexão: em um mundo que muitas vezes nos empurra para a pressa e o pragmatismo, será que estamos nos permitindo nutrir as relações com afeto? Será que estamos ajudando as novas gerações a entender que o aprendizado, mais do que um acúmulo de informações, é uma construção de laços, valores e significados?

A afetividade é um farol que guia tanto alunos quanto professores em sua jornada. Precisamos construir uma educação mais humana, inclusiva e transformadora, para que possamos formar pessoas acolhedoras e conscientes. Afinal, como Paulo Freire (1996) nos lembra, aprender com afeto enraíza o conhecimento de forma mais profunda e duradoura.

E com essas experiencias relatadas, com minha própria como professora e agora pesquisadora e mestre, pretendo dar continuidade em minha jornada profissional da educação, e além da ética e dedicação, fomentar junto aos colegas, reflexões sobre as possibilidades de educar com afetividade, seja para com nossos alunos e alunas, entre uns com outros como colegas, e com a própria profissão que há tanto tempo tem sido negligenciada e desrespeitada. Respeito e afeto, é o que precisamos para voltar a sonhar e quem sabe, viver dias melhores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGERI, Marinês Serro. **Dificuldades de aprendizagem na escrita: um olhar psicopedagógico**. Revista de Educação do IDEAL – Revista do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU, Sertão-RS, v. 9, 2014. Disponível em < https://www.passofundo.ideau.com.br/wp-content/files_mf/d76038402792a3069bf714a60be5c44a226_1.pdf >. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

ALVES, Rubem**. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** 6ª ed., Papirus, 2001.

ANGELUCCI, Carla Biancha et al. **O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002):** um estudo introdutório. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-72, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a04v30n1.pdf>. Acesso em 09 março de 2024.

ATHAUS, Fátima. **Mediação pedagógica**: O papel do docente no processo de aprendizagem. 2008.

BARBOSA, Alexandre Lucas de Araújo; ANJOS, Ana Beatriz Leite dos; AZONI, Cíntia Alves Salgado**. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19.** CoDAS, São Paulo, v. 34, n. 4, 2021. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373> Acesso em 08 novembro de 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação:** Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. 3.ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1994.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de aprendizagem:** o que são? Como tratá-las? Porto Alegre: Artimed, 2000.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Diário Oficial da União, Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 29 maio 2024.

CARVALHO, Maria José. **Educação Matemática e Afetividade:** O Papel das Emoções no Processo de Ensino-Aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2011.

CASTORINA, José Antônio *et al*. Piaget Vygotsky: **Novas Contribuições para o Debate**. 3.ª Ed. São Paulo: Ática, 1996.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação escolar.** Tradução de Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Volume 2.

CRESWELL, John W. **Research Design:** Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches. 4th ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

CUNHA, Eugênio. **Afetividade e aprendizagem:** Relações de amorosidade na prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2017.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. 2.ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

ESPINOSA, Bento de. **Ética demonstrada segundo a ordem geométrica.** Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FELIPE, Sione Maschio; BENEVENUTTI, Zilma Sansão. **Dificuldade de Aprendizagem**. UNIASSELV. Revista Maiêutica Pedagogia, v. 01, n. 01, 2013. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/450/143>. Acesso em 06 junho de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 30.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa.2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6.ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUSTINO, Cenira Ferreira Marques; COELHO, Maria Batista; SANTOS, Márcia Carvalho. **Compreender os principais desafios da educação escolar durante uma pandemia, demonstrando as principais dificuldades enfrentadas pela escola**. 2020. Disponível em: < https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/202102190902479.pdf> Acesso em 15 novembro de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente. 4.ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Maria Elizabeth de Castro. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Célia de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 14.ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.** Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 25-28, 2009.

PAÍN, José. **A aprendizagem como processo dinâmico.** 1985.

PAPÁLIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano.** 13. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. 3. Rd. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 3. Ed. Rio de Janeiro, Unesco, 1975.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldades de Ensinagem: Que História é Essa...?** São Paulo: Vetor, 2002.

RINALDI, Carlina; REGGIO, Emilia. **A imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental.** In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Org.). Bambini: A Abordagem Italiana à Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALVADOR, C. C. (Org.). **Psicologia da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996.

SASAKI, Aline Harumi; SFORNI, Marta Sueli de Faria; BELIERI, Cleder Mariano. **Afetividade e cognição na teoria histórico-cultural:** uma revisão sistemática. Debates em Educação, Maceió, v. 13, n. 32, p. 75-94, Maio/Ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n32p75-94. Acesso em 06 setembro de 2024.

SNYDERS, George. **Alunos Felizes.** 3.ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SISTO, Valéria. **Dificuldades de Aprendizagem:** Um Estudo da Realidade Escolar. São Paulo: Editora XYZ, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do Conhecimento em Sala de Aula**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **Origens do Pensamento na Criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Edições 70, 1986.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: 1° Edição, 2007.

ANEXOS

ANEXO I
QUESTIONÁRIO

Questão 1 - O que você entende por AFETIVIDADE? • Conceito de Afetividade.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 - “Laços de intimidade e afinidades entre indivíduos.”
P2 – “Pessoa amorosa, que sabe dar afeto.”
P3 – “Se colocar no lugar do outro e ter empatia por ele.”
P4 – “Sentimentos ou emoções usado nas relações sociais.”
P5 – “Uma de cativar alguém por meio de ações diversas. Demonstrar importância.”
P6 – “Afetividade é uma forma de tratar a outra pessoa, promovendo acolhimento e atuando no sentido de aprimorar a relação com o outro.”
P7 – “É quando é considerado os sentimentos dos envolvidos e inclui respeito mútuo e maior aproximação entre as partes.”

Questão 2 - Em sala de aula, durante o ensino e a aprendizagem do educando(a), você considera a AFETIVIDADE como um elemento importante neste processo? Explique. • Afetividade como Elemento no Ensino e Aprendizagem.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 - “Sim. Pois, quando se desenvolve laços com educandos facilita as relações em sala de aula, tais como respeito, interesses e etc.”
P2 - “Sim”
P3 – “Sim, alguns alunos precisam de mais atenção para focarem nas atividades.”
P4 – “Sim. A afetividade desbloqueia os medos que possa desenvolver no processo.”
P5 – “Sim, o estudante aprende e se identifica melhor com o conteúdo quando possui uma boa relação com os professores.”
P6 – “Sim. A afetividade é importante, porque ela aproxima o professor dos estudantes, promovendo uma maior propensão no estudante em querer aprender os conteúdos curriculares em estudo. Ou seja, quando há uma relação de afetividade entre o professor e o estudante, ambos os atores envolvidos no processo educativo se sentem motivados a trocar saberes.”
P7 – “Sim, pois quando professor e aluno conseguem estabelecer uma relação agradável entre si, o processo de ensino e aprendizagem passa a ser mais efetivo.”

Questão 3 - Você considera que a sua forma de se relacionar com os educandos (as), levando em conta a AFETIVIDADE, pode influenciar na aprendizagem? De que forma isso acontece? (Citar exemplos). • Impacto da Relação Afetiva na Aprendizagem.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 – "Sim. Quando demonstro menos afetividade com uma turma percebo o desinteresse dos mesmos na disciplina, enquanto que em turmas que sou mais afetiva (legal) costumo ter resultados melhores."
P2 – "Com certeza, através do respeito , incentivo e atenção."
P3 – "Em alguns casos sim, outros não. Alguém pode sentir necessidade de pertencimento, acolhimento para se desenvolver, outros são mais objetivos e desvinculados deste parâmetro."
P4 – "Sim. Trabalhar com a afetividade é um convite para que o aluno se aproxime mais do processo de um jeito espontâneo, é propor um ensino interdisciplinar que vai além do conteúdo trabalhado, possibilitando uma formação integral da pessoa."
P5 – "Sim, entender o meio em que o estudante está inserido e usar estratégias de identificação, como incrementar durante as aulas vivências dos discentes, demonstrar que eles são importantes, sempre promover momentos com feedbacks possitivos de contribuições no ambiente escolar. Também, realizar o acolhimento diário em sala de aula, cumprimentar com alegria, perguntar como está a turma etc."
P6 – "Sim, considero que a minha forma de me relacionar com meus alunos influencia significativamente a aprendizagem deles. Procuro criar um espaço harmonioso em sala de aula, de forma com que os estudantes sintam empatia e se identifiquem comigo e com meu jeito e estratégias de ensinar. Dessa forma, a partir dessa condição, a turma aumenta a participação e engajamento nas minhas aulas. No ano anterior, eu tive uma experiência interessante com relação à afetividade com o 3° ano B do ensino médio. Nesta turma, consegui criar um clima de afetividade interessante com a turma e, por meio disso, consegui estimular a grande parte dos estudantes a desenvolverem interesse por estudar Genética, um dos tópicos mais complexos do currículo de Biologia. Na avaliação somativa de encerramento do bimestre, coloquei um espaço para os estudantes colocarem críticas, sugestões, elogios ou memes ao professor e muitos deles enfatizaram que eu criei um clima agradável na sala de aula e que aumentou o interesse da turma pelos conteúdos. Na época, quando fui corrigir as avaliações, me emocionei lendo os comentários, pois percebi que eu também criei afetividade por eles ao longo processo."
P7 – "Com certeza. Rômulo Lins em uma de suas obras fala sobre o monstro associado a Matemática e ao modo como este monstro pode ser visto, como um monstro monstruoso ou um monstro domesticado. E a forma como o professor apresenta este "monstro" para o aluno é como este aluno vai visualizar este monstro. Deste modo, tento sempre em minhas aulas apresentar os conceitos matemáticos de forma amável e tentando estabelecer vínculos com o cotidiano dos alunos e isso ajuda a verem a matemática com bons olhos e a quererem evoluir. Quando troco de turmas, os ex alunos sempre me encontram nos corredores e falam: professora volta a dar aulas pra gente, com você eu entendia e até estava gostando da matemática ..."

Questão 4 - Em sua experiência como professor(a), houve alguma situação em que ficou muito claro que por intermédio do seu AFETO em relação ao (à) aluno(a), ocorreram mudanças na aprendizagem, ou dificuldades cognitivas, comportamento ou outros? Descreva a situação ocorrida. • Mudanças na Aprendizagem Através do Afeto.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 – "Sim. O fato de deixar claro a uma turma que não gosto da mesma observei desempenhos ruins na aprendizagem, desmotivação e aumentou a indisciplina."

P2 - “Vários.”
P3 – “Em certas situações que uma conversa permitiu maior afinidade entre professor e aluno de modo a que este se sinta mais seguro de expressar suas opiniões.”
P4 – “Sempre. Alguns alunos com características dispersiosa, muitas vezes, passam a odiar os estudos, o ambiente e a convivência social o que ao meu perceber desencadeia muitos outros problemas na escola. Ao perceber alguns alunos com estes bloqueio com a disciplina estudada, a preferência pelo trabalho afetivo tem resultados positivos possibilitando a transformação no status do aluno, o que por sua vez possa transformar uma vida social.
P5 – “Sim, demonstrar que por mais que você seja o professor, existe meios de identificação com os alunos. Por exemplo: em uma sala estava havendo muitos comentários sobre a saga Harry Potter, usei elementos do filme que também gosto, para criar uma elo de identificação com o conteúdo, soluções químicas, para promover um ponto de interesse em comum e gerar uma aprendizagem mais significativa no conteúdo passado em sala. A mesma estratégia já foi usada com outros conteúdos relacionando eles com fime e séries do momento.”
P6 – “Na questão anterior, descrevi um exemplo bem detalhado. A turma em questão tinha desinteresse pelos conteúdos de Biologia e muitos estudantes que tem facilidade estavam com notas baixas na disciplina. Depois que assumi as aulas, a turma melhorou o rendimento. Fator que pode estar claramente associado à afetividade no processo de ensino e aprendizagem.
P7 – “Sim. Recentemente diante do desinteresse dos alunos dos 7° anos em relação aos estudos, elaborei um plano de intervenção e fiz a aula dos sonhos. Narrei minha trajetória e apresentei fotos das lutas e conquistas que tive durante minha trajetória e falei sobre a importância de sonhar e lutar pelos sonhos e em seguida, perguntei sobre seus sonhos e objetivos. Foi uma aula de total interação e aproximação com os alunos. Dia seguinte, até os alunos menos participativos nas aulas, buscaram realizar as atividades, fizeram perguntas, sentaram ao meu lado pra pedirem ajuda ... Enfim, ficaram motivados em aprender. Infelizmente este efeito dura uma semana geralmente, mas basta ir alimentando está relação que o aprendizado vai melhorando.”

Questão 5 - Em sua formação profissional, ou nas formações continuadas que você frequenta, temas relacionados a AFETIVIDADE no ambiente escolar aparece com frequência? Se SIM, a partir de quais temas? **(Obs. Se a resposta for NÃO, passar para pergunta 06).** • Afetividade nas Formações Profissionais.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 – “Não.”
P2 – “Não.”
P3 – “Não.”
P4 – “Não percebo estes métodos nas formações.”
P5 - “Sim, um dos temas que mais tenho recebido formação é em relação ao conceito da pedagogia da presença, que promove uma aproximação afetiva de profissionais da educação com os alunos, no sentido de gerar identificação e uma visão maior do professor como alguém que não somente está ali para passar um conteúdo, mas para promover vivências e acolher quando necessário.”
P6 – “Não aparecem. Na graduação, ouvi falar sobre Walon apenas em conversas informais com uma colega de curso que estava investigando a afetividade no ensino de Biologia para a produção do TCC.”
P7 – “Não.”

Questão 6 - Em relação a pergunta anterior, se sua resposta é NÃO, em sua opinião, qual motivo você considera que a AFETIVIDADE não é levada em conta nas formações continuadas? Você acha importante esse tema ser discutido? Porque? • Ausência da Afetividade na Formação Continuada.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 – "O foco das formações são metodologias. Sim, pois interfere no processo - ensino aprendizagem e já tem pesquisas que comprovam isso."
P2 – "Respeito, atenção e empatia."
P3 – "As cobranças por resultados efetivos de desempenho dos alunos."
P4 - "A formações muitas vezes são abordagens sugeridas pelos próprios professores. Talvez a falta de conhecimento de nos professores em entender a importância destas abordagens ou pela hierarquia mais alta entender que não seja importante. É importante discutir para levar o conhecimento de outras formas de melhorar o processo que possibilite a melhor formação do discente. Além disso, as discussões compartilhada dessas práticas destacam os o que pode ser melhorado, alterado e qual a melhor forma de utilização da metodologia."
P5 – "Sim."
P6 – "As formações continuadas, atualmente, focam muito em habilidades e defasagens de aprendizagens das mesmas. Ou seja, fica mais nas problemáticas do que na solução. Para além das metodologias de ensino, acredito que a relação professsor-aluno (e a afetividade faz parte desta) deveria ser contemplada e problematizada nas formações, pois poderia ajudar muito no enfrentamento dos vários desafios de aprendizagem na atualidade."
P7 – "Acredito que não é levada em consideração geralmente porque demanda saberes que não fazem parte do currículo dos cursos, é um tema que vem sendo abordado com mais ênfase após a nova BNCC e devido os extensos currículos, este tema acaba não sendo abordado. Com certeza é importante discutir, inclusive para contribuir com possíveis alterações de práticas docentes de professores de longa carreira."

Questão 7 - Como professor(a), o AFETO pode ser considerado como um elemento pedagógico para que ocorra a aprendizagem? **a) A partir de sua reposta acima, pedimos que justifique sua resposta:** • Afeto como Elemento Pedagógico.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 – "Depende/Talvez." "Depende da maturidade profissional para que haja a afetividade, pois muitos compreendem de forma errada, além disso o professor deve estar preparado para que os alunos não confundam os sentimentos e também o professor."
P2 – "Sim." "O afeto é um conjunto de várias habilidades, que praticamos dentro da sala de aula, e também fora dela."
P3 – "Sim." "Relações de respeito e cordialidade promovem melhor relacionamento e isto pode levar a uma melhoria da aprendizagem."
P4 – "Sim." "Como dito antes, o afeto pode desbloquear muitos medos do aluno em relação a alguma situação que impeça o mesmo de se desenvolver, além disso, saber lhe dar com suas emoções e sentimentos é um fator importante na formação integral do aluno."
P5 – "Sim" "Se o aluno não gosta, não se identifica com o professor há uma grande probabilidade de ele também não gostar ou se interessar pelo conteúdo ministrado por esse docente."

P6 – “Sim.” “O afeto pode estimular o interesse do estudante pelo estudo e, por isso, pode ser considerado um elemento pedagógico.”
P7 – “Sim.” “Através de uma boa relação, estabelece-se um ambiente mais agradável e, por conseguinte, maior empenho de professores e alunos no desempenho de seus papéis. Pois a valorização do ser, o respeito mútuo e a afetividade proporcionam uma sensação de bem estar e o que é agradável desperta maiores interesses.”

Questão 8 - Você aplica ou usa o AFETO em suas abordagens durante o ensino em sala de aula? De que forma? Por favor DESCREVER. • Aplicação do Afeto na Prática Docente.
RESPOSTA DO PARTICIPANTE
P1 – “Sim. Procuro criar uma boa relação com alunos através de aulas descontraídas e usando temas e recursos mais próximos da realidade deles.”
P2 – “Sim, quando eu respeito meu aluno, quando incentivo ele, quando eu elogio e várias outras coisas.”
P3 – “Procuro saber quando acho que algo está acontecendo.”
P4 – “Algumas vezes. Muitos alunos não entendem o sentido de ir a escola crescendo sem perspectiva de futuro. Trabalhar com afetividade abre muitas fronteiras que o aluno não enxergaria por alguma situação negativa. Em outras linhagens, saber lhe dar com suas emoções e sentimentos é uma habilidade que todo ser humano necessita.”
P5 – “Sim, entender as demandas dos estudantes, promovendo momentos de fala para feedbacks, no início cumprimentar, perguntar como está. Sempre que possível busco promover com às minhas vivências pontos de identificação, comemorar com o estudante avanços em sala de aula, ouvir os seus sonhos e demonstrar importância. Durante atividades avaliativas sempre que possível, crio um momento de descompressão, com uma música ou vídeo, mensagem de motivação. Sempre buscar dar retornos positivos e demonstrar que estar feliz com os avanços dos estudantes não só quando ele tirar dez. Mostra que a presença dele é importante para aula e que suas contribuições durante ela fazem a diferença.”
P6 – “Como mencionei em um dos exemplos citados neste questionário, procuro criar um ambiente harmonioso em sala de aula, de diálogo com os alunos, para que a partir das boa relação comigo, eles sintam vontade de aprender os conteúdos da disciplina de Biologia os quais ministro.”
P7 - “Sim. No modo de falar, no modo de ensinar (por exemplo, uso uma placa com desenho de uma foca e a palavra escrita: Aqui!. Assim gero um momento de afetividade com os alunos e também desperto a atenção deles no momento da explicação ao utilizar a mascote: foca aqui !), na troca de experiências, nas mensagens inseridas nos finais das avaliações escritas, nos momentos matemático emocionais (aulas específicas em que trabalho questões emocionais, reflexões e matemática na prática), nas conversas particulares e até mesmo no uso das redes sociais.”